



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

RESOLUÇÃO - CEPEC Nº 1312

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem, grau acadêmico Bacharelado, modalidade Presencial, da Regional Jataí, para os alunos ingressos a partir de 2014.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, reunido em sessão plenária realizada no dia 5 de setembro de 2014, tendo em vista o que consta do processo nº 23070.007662/2007-67, e considerando:

- a) a Lei de Diretrizes e Bases - LDB (Lei 9.394/96);
- b) as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Ciências Biológicas;
- c) a Resolução CNE/CP nº 07/2002;
- d) o Estatuto e o Regimento Geral da UFG;
- e) o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG,

R E S O L V E :

Art. 1º Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem, grau acadêmico Bacharelado, modalidade Presencial, da Regional Jataí da Universidade Federal de Goiás, na forma do anexo a esta Resolução.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor nesta data, com efeito para os alunos ingressos a partir do ano letivo de 2014, revogando-se as disposições em contrário.

Goiânia, 5 de setembro de 2014

Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral
- Reitor -

ANEXO À RESOLUÇÃO - CEPEC Nº 1312

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ENFERMAGEM - GRAU ACADÊMICO BACHARELADO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL JATAÍ
CURSO DE ENFERMAGEM**

*Proposta Curricular apresentada à Pró-Reitoria de
Graduação da Universidade Federal de Goiás, como
requisito para implementação das Diretrizes
Curriculares Nacionais e do Regulamento Geral dos
Cursos de Graduação da UFG.*

**JATAÍ-GO
2014**

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	04
2	HISTÓRICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM	04
3	JUSTIFICATIVA	05
4	OBJETIVOS	05
4.1	Objetivo Geral	05
4.2	Objetivos Específicos	05
5	PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL	07
6	EXPECTATIVAS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	07
6.1	Perfil do Curso	08
6.2	Perfil e Habilidades do Egresso	08
7	ESTRUTURA CURRICULAR	09
7.1	Matriz Curricular	09
7.2	Ementário das Disciplinas	17
8	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	40
9	POLÍTICA E GESTÃO DO ESTÁGIO	41
10	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	47
11	SISTEMA DE AVALIAÇÃO	48
11.1	Avaliação do Processo de Ensino Aprendizagem	48
11.2	Processo de Avaliação do Docente	49
11.3	Processo de Avaliação do Curso	49
12	INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	49
12.1	Monitoria	49
12.2	Programa de Educação Tutorial	50
12.3	Extensão	50
12.4	Pesquisa	50
13	POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVA DA UNIDADE ACADÊMICA	51
14	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO	51

1 APRESENTAÇÃO

O curso de graduação em Enfermagem, pertencente à área de saúde, de responsabilidade da Coordenação de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Jataí, foi criado pela Resolução CONSUNI 15/07 em 1º/06/07.

Curso presencial em período integral, período diurno, bacharelado, com carga horária total de 4446 horas, com duração mínima de 10 e máxima de 16 semestres, sob a responsabilidade da Regional Jataí da Universidade Federal de Goiás.

Oferece 30 vagas anuais com ingresso por meio de vestibular, objetivando formar profissionais com o título de Bacharel em Enfermagem. Não sendo concedido nem habilitação, uma vez que o curso visa a formação do enfermeiro generalista. A graduação em Enfermagem visa responder a uma carência regional de formação deste profissional. A existência deste curso é relevante para a sociedade do sudoeste goiano, pois contribui para a formação de profissionais, para integração universidade e serviço e para a melhoria da assistência à saúde disponibilizada à população.

Este curso segue as Diretrizes Curriculares do Curso de Enfermagem determinados pela resolução CNE/CES Nº. 3, de 7 de Novembro de 2001 e tem como principal meta a formação de enfermeiros generalistas, humanistas, críticos e reflexivos qualificados para o exercício da Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual, pautado em princípios éticos e ambientais.

2 HISTÓRICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Tendo em vista o contexto de liberação de recursos do Ministério da Educação e Cultura (MEC), para a ampliação das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), foi criada em 2005, uma comissão para elaboração do Projeto de Expansão e Consolidação da Universidade Federal de Goiás, Câmpus Jataí.

O estudo realizado pela comissão apontou para a necessidade de melhoria da infraestrutura para os cursos já existentes com a construção de novos espaços físicos, aquisição de equipamentos e materiais para laboratório, além da contratação de pessoal técnico-administrativo e de docentes, bem como para a necessidade de implantação de novos cursos.

Na perspectiva da expansão, foi proposto aumento no número de vagas, abertura de novas turmas dos cursos já existentes e a criação de novos cursos, de acordo com as necessidades e demandas da região do sudoeste goiano.

Os critérios de escolha dos novos cursos levaram em consideração principalmente o aproveitamento do quadro de professores, a otimização dos espaços físicos utilizados em comum nos cursos e a necessidade da região.

Nesse sentido, houve a proposta da complementação das áreas de licenciatura, agrárias, exatas e, principalmente; a oferta de cursos na área da saúde, uma vez que havia solicitação da comunidade.

Desta forma, em 2007, iniciaram os cursos de História, Química, Física, Zootecnia, Psicologia e Biomedicina; em 2008, Ciências da Computação, Enfermagem, Engenharia Florestal e Direito; em 2009, Fisioterapia.

O curso de graduação em Enfermagem da UFG, Câmpus Jataí, foi autorizado pela Resolução CONSUNI 15/07 de 01/06/2007 e no mesmo ano, realizou seu primeiro processo seletivo, com abertura de trinta vagas para a formação da primeira turma de alunos, a qual teve início no primeiro semestre de 2008.

Atualmente, a Regional Jataí desponta como um grande pólo educacional, pois tem contribuído de maneira significativa para o desenvolvimento local, regional e nacional, nas diversas áreas de formação.

3 JUSTIFICATIVA

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Bacharelado em Enfermagem da UFG, Regional Jataí, é o documento que direciona o desenvolvimento deste curso, determinando suas ações, prioridades e estratégias com o intuito de formar enfermeiros qualificados para o exercício da profissão.

Tendo em vista as Diretrizes Curriculares do Curso de Enfermagem (2001) e o novo contexto de saúde, foi elaborado o PPC pelo Núcleo Docente Estruturante (NDE) em parceria com os demais professores, levando em consideração a realidade regional, as parcerias com demais instituições e comunidade, a integração entre a teoria e a vivência da prática em diversos cenários de atuação, incentivando a formação de uma visão global sobre a saúde.

Nesta perspectiva os alunos compreenderão que as ações do enfermeiro devem partir das necessidades da comunidade, da intersetorialidade, da integração teoria e prática, da pesquisa e extensão e da necessidade contínua da busca de conhecimento, garantindo assim as competências cognitiva (saber), técnico-operacional (saber-fazer) e sócio-comunicativa (saber-ser e viver junto).

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Formar Enfermeiro generalista, humanista, crítico e reflexivo, profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos, capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões bio-psico-sociais dos seus determinantes. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.

4.2 Objetivos Específicos

Que o egresso do curso de Enfermagem da UFG, Regional Jataí, seja um profissional competente e consciente do seu papel social no âmbito da saúde, para isso, o curso tem os objetivos específicos ancorados nos quatro pilares da educação: aprender a ser, aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a viver juntos; de acordo com as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Enfermagem.

Assim, os objetivos específicos do curso são de formar profissionais enfermeiros que saiba:

- reconhecer que o ser humano está em constante interação com outras pessoas e com o ambiente e que apresenta diferentes dimensões, expressões e fases evolutivas;
- ser autônomo, crítico, criativo e solidário no exercício da aprendizagem e do trabalho, interrogando-se sobre o porquê, o para que, os limites, os fins da ação em saúde e as necessidades dos usuários do sistema de saúde;
- reconhecer seu papel social enquanto trabalhador de saúde tendo em vista a integralidade, universalidade, equidade, resolubilidade e humanização do trabalho gerencial e assistencial;
- reconhecer-se como agente das práticas em saúde, considerando que elas expressam as articulações entre múltiplos atores, valores, saberes e poderes;

- reconhecer-se como coordenador do trabalho da equipe de enfermagem;
- responsabilizar-se por seus atos, reconhecendo-se como autor destes e assumindo suas conseqüências;
- reconhecer seu compromisso social para com a sociedade, no que se refere à promoção, manutenção e recuperação da saúde dos indivíduos;
- refletir sobre o cuidar em enfermagem como responsabilidade social, considerando que esta abordagem é necessária para a reorientação da sua práxis, tanto em termos assistenciais, quanto gerenciais;
- considerar as abordagens clínica, epidemiológica e humanizada, bem como as evidências científicas e as transformações e expressões do contexto social e do setor saúde, para o planejamento de intervenções de saúde e de enfermagem;
- considerar a natureza da organização do processo de trabalho em saúde segundo o paradigma da promoção da saúde, a interdisciplinaridade e a intersetorialidade;
- compreender a divisão do trabalho em enfermagem e em saúde, a natureza do objeto e da prática em saúde, considerando a inter e a transdisciplinaridade;
- reconhecer o papel social do enfermeiro nas estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde e na dinâmica de trabalho;
- unir, em sua prática profissional, a técnica à ciência, o saber-fazer ao saber o porquê e a preocupação com o resultado à preocupação com o ser humano;
- comprometer-se com o auto-desenvolvimento e o processo de formação e qualificação continuada dos trabalhadores de enfermagem, tendo em vista a excelência do exercício profissional;
- desenvolver ações, dentro do âmbito profissional, de prevenção de doenças, promoção, proteção e reabilitação da saúde para o cidadão, grupos, família e comunidade;
- incorporar a ciência e a arte do cuidar no exercício profissional;
- exercer a autonomia profissional para aceitar ou negar determinadas práticas, em função de critérios éticos, legais, humanos, ecológicos e científicos e das necessidades da clientela;
- usar tecnologias de informação e comunicação;
- desenvolver uma práxis humanizada, responsabilizando-se pela qualidade da assistência / cuidado e da gerência em enfermagem;
- gerenciar o trabalho de enfermagem em serviços de saúde, observando o custo-efetividade das intervenções;
- assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde;
- desenvolver e participar de pesquisas e de outras formas de produção de conhecimento;
- coordenar o processo de cuidar em enfermagem;
- interagir com os profissionais dos serviços de saúde propiciando benefício mútuo, estimulando a cooperação acadêmica – profissional;
- reconhecer a importância do cuidado à própria saúde física e mental e buscar seu bem-estar como cidadão e como enfermeiro;
- promover um ambiente social e humanamente digno no trabalho;
- desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe com compromisso e responsabilidade, de ser cooperativo;
- associar-se a outras pessoas e instituições que compartilham ideais e interesses profissionais.

5 PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

Levando-se em consideração, as Diretrizes Curriculares do Curso de Enfermagem; terão como princípios norteadores para a formação do Enfermeiro:

- **atenção à saúde:** os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo;
- **tomada de decisões:** o trabalho dos profissionais de saúde deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para este fim, os mesmos devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas;
- **comunicação:** os profissionais de saúde devem ser acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral. A comunicação envolve comunicação verbal, não-verbal e habilidades de escrita e leitura; o domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e de tecnologias de comunicação e informação;
- **liderança:** no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz;
- **administração e gerenciamento:** os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho quanto dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde;
- **educação permanente:** os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento/estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais.

6 EXPECTATIVAS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

6.1 Perfil do Curso

O Curso de Graduação em Enfermagem da Regional Jataí, da UFG, tem como meta principal a formação do enfermeiro, voltada para a atuação profissional e para a pesquisa e por isso oferece a modalidade bacharelado. Neste sentido, o curso visa à articulação entre o ensino, pesquisa, extensão e assistência, buscando uma formação integral.

Curso presencial em período integral, com carga horária total de 4446 horas, com duração mínima dez e dezesseis semestres. Oferece 30 vagas anuais com ingresso por meio de vestibular, objetivando formar profissionais com o título de Enfermeiro. A integralização do curso ocorre pela oferta de disciplinas do núcleo comum e núcleo específico que representa a formação básica do profissional, além da oferta de núcleo livre e de disciplinas optativas e atividades complementares conforme o Regimento Geral dos Cursos de Graduação, UFG.

O curso de Enfermagem da UFG, Regional Jataí, busca implementar de metodologias ativas de ensino, onde o conhecimento será construído a partir da realidade, com inserção nos diversos cenários de prática desde o primeiro período do curso.

6.2 Perfil e Habilidades do Egresso

Atendendo as Diretrizes Curriculares do Curso de Enfermagem, a formação do enfermeiro tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades específicas:

- atuar profissionalmente, compreendendo a natureza humana em suas dimensões, em suas expressões e fases evolutivas;
- incorporar a ciência/arte do cuidar como instrumento de interpretação profissional;
- estabelecer novas relações com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões;
- desenvolver formação técnico-científica que confira qualidade ao exercício profissional;
- compreender a política de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações;
- reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;
- atuar nos programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso;
- ser capaz de diagnosticar e solucionar problemas de saúde, de comunicar-se, de tomar decisões, de intervir no processo de trabalho, de trabalhar em equipe e de enfrentar situações em constante mudança;
- reconhecer as relações de trabalho e sua influência na saúde;
- atuar como sujeito no processo de formação de recursos humanos;
- responder às especificidades regionais de saúde através de intervenções planejadas estrategicamente, em níveis de promoção, prevenção e reabilitação à saúde, dando atenção integral à saúde dos indivíduos, das famílias e das comunidades;
- reconhecer-se como coordenador do trabalho da equipe de enfermagem;
- assumir o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional em saúde;
- promover estilos de vida saudáveis, conciliando as necessidades tanto dos seus clientes/pacientes quanto às de sua comunidade, atuando como agente de transformação social;
- usar adequadamente novas tecnologias, tanto de informação e comunicação, quanto de ponta para o cuidar de enfermagem;
- atuar nos diferentes cenários da prática profissional, considerando os pressupostos dos modelos clínico e epidemiológico;

- identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes;
- intervir no processo de saúde-doença, responsabilizando-se pela qualidade da assistência/cuidado de enfermagem em seus diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, proteção e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência;
- coordenar o processo de cuidar em enfermagem, considerando contextos e demandas de saúde;
- prestar cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades apresentadas pelo indivíduo, pela família e pelos diferentes grupos da comunidade;
- compatibilizar as características profissionais dos agentes da equipe de enfermagem às diferentes demandas dos usuários;
- integrar as ações de enfermagem às ações multiprofissionais;
- gerenciar o processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética, com resolutividade tanto em nível individual como coletivo em todos os âmbitos de atuação profissional;
- planejar, implementar e participar dos programas de formação e qualificação contínua dos trabalhadores de enfermagem e de saúde;
- planejar e implementar programas de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos diferentes grupos sociais e dos distintos processos de vida, saúde, trabalho e adoecimento;
- desenvolver, participar e aplicar pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional;
- respeitar os princípios éticos, legais e humanísticos da profissão;
- interferir na dinâmica de trabalho institucional, reconhecendo-se como agente desse processo;
- utilizar os instrumentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde;
- participar da composição das estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde;
- assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde;
- cuidar da própria saúde física e mental e buscar seu bem-estar como cidadão e como enfermeiro;
- reconhecer o papel social do enfermeiro para atuar em atividades de política e planejamento em saúde.

A formação do Enfermeiro deve atender as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS) e assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento.

7 ESTRUTURA CURRICULAR

7.1 Matriz Curricular

De acordo com o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG), da UFG, o currículo é a expressão do PPC, e deve abranger conteúdos comuns, específicos e eletivos, experiências, estágios e situações de ensino-aprendizagem, relacionados à formação do aluno.

Quadro 1 Matriz Curricular

DISCIPLINA	UNIDADE RESPONSÁVEL	PRÉ-REQUISITO (PR) e/ou CO-REQUISITO (CR)	CH Semanal		CH Semestral		CH Total	NÚCLEO	NATUREZA
			T	P	T	P			
01. Saúde Coletiva	Enfermagem	--	3	2	45	15	60	Específico	Obrigatória
02. Introdução à Enfermagem	Enfermagem	--	4	2	60	30	90	Específico	Obrigatória
03. Atendimento Pré-Hospitalar	Enfermagem	--	2	1	20	10	30	Comum	Obrigatória
04. Anatomia Humana I Enf	Enfermagem	--	2	3	20	40	60	Comum	Obrigatória
05. Metodologia Científica	Biomedicina	--	2	1	35	10	45	Comum	Obrigatória
06. Biofísica Enf	Física	--	2	-	30	-	30	Comum	Obrigatória
07. Histologia e Embriologia Geral	Biologia	--	2	2	30	30	60	Comum	Obrigatória
08. Promoção da Saúde	Enfermagem	--	2	3	20	40	60	Específico	Obrigatória
09. Risco biológico e Biossegurança	Biomedicina	--	2	-	30	-	30	Comum	Obrigatória
10. Bioquímica Enf	Biologia	--	3	2	40	20	60	Comum	Obrigatória
11. Anatomia Humana II Enf	Enfermagem	CR: 4	2	3	20	40	60	Comum	Obrigatória
12. Histologia dos órgãos	Biologia	CR: 7	2	2	30	30	60	Comum	Obrigatória
13. Psicologia aplicada à Enf	Psicologia	--	2	-	45	-	45	Comum	Obrigatória
14. Genética Enfermagem	Biomedicina	--	2	-	45	-	45	Comum	Obrigatória
15. Tecnologia da Educação em Saúde	Enfermagem	--	2	-	30	-	30	Específico	Obrigatória
16. Epidemiologia e Bioestatística Enf	Biomedicina	CR: 1	4	1	60	15	75	Específico	Obrigatória
17. Bases para o cuidar do indivíduo e da família I	Enfermagem	-	4	5	50	70	120	Específico	Obrigatória
18. Fisiologia	Biologia	CR: 11,12	5	1	75	15	90	Comum	Obrigatória
19. Imunologia	Biomedicina	CR: 7,10,14	2	2	30	30	60	Comum	Obrigatória
20. Microbiologia Enf	Biomedicina	CR: 10	3	2	45	30	75	Comum	Obrigatória
21. Bases para o cuidar do indivíduo e da família II	Enfermagem	CR: 9,17,18	5	5	70	80	150	Específico	Obrigatória
22. Centro de Material e Esterilização	Enfermagem	PR: 9 CR: 20	2	3	20	40	60	Específico	Obrigatória

DISCIPLINA	UNIDADE RESPONSÁVEL	PRÉ-REQUISITO (PR) e/ou CO-REQUISITO (CR)	CH Semanal		CH Semestral		CH Total	NÚCLEO	NATUREZA
			T	P	T	P			
			23. Farmacologia Básica Enf	Biomedicina	CR: 10,18	3			
24. Saúde Mental	Enfermagem	CR: 13	1	2	15	30	45	Específico	Obrigatória
25. Patologia	Biomedicina	PR: 4,11,12 CR: 14,18,19	3	2	45	30	75	Comum	Obrigatória
26. Parasitologia Enf	Biomedicina	CR: 18,19,20	2	2	30	30	60	Comum	Obrigatória
27. Enfermagem clínica	Enfermagem	PR: 21 CR: 18,22,23,25	3	4	40	60	100	Específico	Obrigatória
28. Enfermagem em doenças infecciosas	Enfermagem	PR: 19,20,21 CR: 16,23,25	3	4	40	60	100	Específico	Obrigatória
29. Vigilância à Saúde	Enfermagem	CR: 1,8,16	2	4	30	60	90	Específico	Obrigatória
30. Farmacologia aplicada	Enfermagem	CR: 23	3	-	45	-	45	Comum	Obrigatória
31. Nutrição	Biomedicina	CR: 10,18	3	-	45	-	45	Comum	Obrigatória
32. Enfermagem Cirúrgica	Enfermagem	PR: 18,22 CR: 21,27,30	3	5	45	75	120	Específico	Obrigatória
33. Enfermagem Psiquiátrica	Enfermagem	CR: 24,30	3	4	40	60	100	Específico	Obrigatória
34. Assistência de Enfermagem ao Paciente Crítico	Enfermagem	PR: 27 CR: 30, 31	3	4	40	60	100	Específico	Obrigatória
35. Administração I	Enfermagem	PR: 1 CR: 15, 24,28	3	-	40	-	40	Específico	Obrigatória
36. Sociologia	Pedagogia	--	3	-	3	-	45	Comum	Obrigatória
37. Enfermagem Ginecológica e Obstétrica I	Enfermagem	PR: 8 CR: 15,21,24,31	3	3	45	45	90	Específico	Obrigatória
38. Enfermagem Pediátrica e Neonatológica I	Enfermagem	PR: 8,24 CR: 14,15,21,31	3	3	45	45	90	Específico	Obrigatória
39. Ética e Exercício da Enfermagem	Enfermagem	PR: 2 CR: 24,27	2	-	30	-	30	Específico	Obrigatória
40. Antropologia da Saúde	Pedagogia	--	3	-	45	-	45	Comum	Obrigatória
41. Administração II	Enfermagem	PR: 35 CR: 24,39	3	-	45	-	45	Específico	Obrigatória
42. Enfermagem Ginecológica e Obstétrica II	Enfermagem	PR: 37 CR: 27,28,30,32	3	3	45	45	90	Específico	Obrigatória

DISCIPLINA	UNIDADE RESPONSÁVEL	PRÉ-REQUISITO (PR) e/ou CO-REQUISITO (CR)	CH Semanal		CH Semestral		CH Total	NÚCLEO	NATUREZA
			T	P	T	P			
			43. Enfermagem Pediátrica e Neonatológica II	Enfermagem	PR: 38 CR: 27,28,30,32	3			
44. Enfermagem Hebiátrica	Enfermagem	PR: 8,15 CR: 18	2	-	30	-	30	Específico	Obrigatória
45. Filosofia e Enfermagem	Enfermagem	--	3	-	45	-	45	Comum	Obrigatória
46. Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva	Enfermagem	PR: 1,8,15 CR: 28,29	2	3	45	30	75	Específico	Obrigatória
47. Trabalho de Conclusão de Curso I	Enfermagem	PR: 2995 horas de NC e NE obrigatório	3	-	45	-	45	Específico	Obrigatória
48. Estágio curricular obrigatório I	Enfermagem	PR: 1925 h do NE obrigatório	-	26	-	448	448	Específico	Obrigatória
49. Estágio curricular obrigatório II	Enfermagem	PR: 48	-	32	-	448	448	Específico	Obrigatória
50. Trabalho de Conclusão de Curso II	Enfermagem	PR: 47	3	-	45	-	45	Específico	Obrigatória
51. Libras	Letras	--	4	-	64	-	64	Específico	Optativa
52. Assistência de Enfermagem ao Idoso	Enfermagem	PR: 8,27,29	2	-	30	-	30	Específico	Optativa
53. Práticas Integrativas e Complementares	Enfermagem	--	2	-	30	-	30	Específico	Optativa
54. Assistência de enfermagem em drogadição	Enfermagem	--	3	-	45	-	45	Específico	Optativa
55. Ética em Pesquisa	Enfermagem	--	2	-	30	-	30	Específico	Optativa
56. Administração de medicamentos em enfermagem	Enfermagem	PR: 17	3	0	48	0	48	Específico	Optativa
57. Possibilidades para a Sistematização da Assistência de Enfermagem nos serviços de saúde	Enfermagem	PR: 17	2	0	32	0	32	Específico	Optativa

DISCIPLINA	UNIDADE RESPONSÁVEL	PRÉ-REQUISITO (PR) e/ou CO-REQUISITO (CR)	CH Semanal		CH Semestral		CH Total	NÚCLEO	NATUREZA
			T	P	T	P			
			58. Enfermagem do Trabalho	Enfermagem	PR: 2	3			
59. Gestão de pessoas na equipe de enfermagem e administração do tempo nos serviços de saúde	Enfermagem	-	3	0	48	0	48	Específico	Optativa
60. Prontuário e Registro de Enfermagem	Enfermagem	-	2	0	32	0	32	Específico	Optativa
61. Infecções associadas aos cuidados de saúde na perspectiva de bactérias multirresistentes	Enfermagem	PR: 17, 20	2	0	32	0	32	Específico	Optativa
62. Planejamento e Auditoria em Saúde Coletiva	Enfermagem	-	3	0	48	0	48	Específico	Optativa
63. A segurança do paciente no ambiente hospitalar	Enfermagem	0	4	0	64	0	64	Específico	Optativa
64. Educação Permanente em Saúde	Enfermagem	PR: 1, 17	2	0	32	0	32	Específico	Optativa
65. Ações de Enfermagem no Programa Nacional de Imunização	Enfermagem	PR: 8, 27, 29, 38	2	0	32	0	32	Específico	Optativa

Quadro 2 Carga Horária

COMPONENTES CURRICULARES	CH	PERCENTUAL
NÚCLEO COMUM (NC)	1155	25,9
NÚCLEO ESPECÍFICO OBRIGATÓRIO (NEOB)	1970	44,3
ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO	896	20,1
NÚCLEO ESPECÍFICO OPTATIVO (NEOP)	90	2,2
NÚCLEO LIVRE (NL)	230	5,5
ATIVIDADES COMPLEMENTARES (AC)	Mínimo 105	
CARGA HORÁRIA TOTAL (CHT)	4446	

Os conteúdos dos cursos deverão ser distribuídos em Núcleo Comum -conteúdos comuns para a formação do profissional, com carga horária de 25,9% da carga horária total do curso, sendo composto de disciplinas obrigatórias. Núcleo Específico - conteúdos que darão especificidade à formação do profissional, ocupando 44,3% da carga horária total do curso, sendo composto de disciplinas obrigatórias e optativas. Núcleo Livre - conteúdos que objetivam garantir liberdade ao aluno para ampliar sua formação, sendo composto por disciplinas eletivas por ele escolhidas, devendo ocupar um mínimo de 5% do total da carga horária do curso.

O aluno deverá realizar ainda Atividades Complementares que são o conjunto de atividades acadêmicas tais como pesquisas, conferências, seminários, palestras, eventos científicos, cursos, programas de iniciação científica, atividades de extensão universitária e outras atividades científicas artísticas e culturais, sem vínculo empregatício; desenvolvidas à sua escolha durante o tempo disponível para a integralização curricular, as quais serão validadas pela Coordenação do Curso, e devem totalizar um mínimo de 105 horas.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem, no Art. 6º, aponta que os conteúdos essenciais para o curso devem estar relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade, integrado a realidade epidemiológica e profissional, proporcionando a integralidade das ações do cuidar em Enfermagem.

Quadro 3 Sugestão de Fluxo Curricular

1º PERÍODO			
DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Saúde Coletiva	60	Obrigatória	Específico
Introdução à Enfermagem	90	Obrigatória	Específico
Atendimento Pré-Hospitalar	30	Obrigatória	Comum
Anatomia Humana I Enf	60	Obrigatória	Comum
Metodologia Científica	45	Obrigatória	Comum
Biofísica Enf	30	Obrigatória	Comum
Histologia e Embriologia Geral	60	Obrigatória	Comum
Carga Horária do Período		375	

2º PERÍODO			
DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Promoção da Saúde	60	Obrigatória	Específico
Risco Biológico e Biossegurança	30	Obrigatória	Comum
Bioquímica Enf	60	Obrigatória	Comum
Anatomia Humana II Enf	60	Obrigatória	Comum
Histologia dos Órgãos	60	Obrigatória	Comum
Psicologia Aplicada à Enfermagem	45	Obrigatória	Comum
Genética Enf	45	Obrigatória	Comum
Tecnologia da Educação em Saúde	30	Obrigatória	Específico
Carga Horária do Período		390	
Carga Horária Acumulada		765	

3º PERÍODO			
DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Epidemiologia e Bioestatística Enf	75	Obrigatória	Específico
Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família I	120	Obrigatória	Específico
Fisiologia	90	Obrigatória	Comum
Imunologia	60	Obrigatória	Comum
Microbiologia Enf	75	Obrigatória	Comum
Carga Horária do Período		420	
Carga Horária Acumulada		1185	

4º PERÍODO			
DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Bases para o Cuidar do Indivíduo e da Família II	150	Obrigatória	Específico
Centro de Material e Esterilização	60	Obrigatória	Específico
Farmacologia Básica Enf	45	Obrigatória	Comum
Saúde Mental	45	Obrigatória	Específico
Patologia	75	Obrigatória	Comum
Parasitologia Enf	60	Obrigatória	Comum
	Carga Horária do Período	435	
	Carga Horária Acumulada	1620	

5º PERÍODO			
DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Enfermagem Clínica	100	Obrigatória	Específico
Enfermagem em Doenças Infecciosas	100	Obrigatória	Específico
Vigilância à Saúde	90	Obrigatória	Específico
Farmacologia Aplicada	45	Obrigatória	Comum
Nutrição	45	Obrigatória	Comum
	Carga Horária do Período	380	
	Carga Horária Acumulada	2000	

6º PERÍODO			
DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Enfermagem Cirúrgica	120	Obrigatória	Específico
Enfermagem Psiquiátrica	100	Obrigatória	Específico
Assistência de Enfermagem a Paciente Crítico	100	Obrigatória	Específico
Administração I	40	Obrigatória	Específico
Sociologia	45	Obrigatória	Comum
	Carga Horária do Período	405	
	Carga Horária Acumulada	2405	

7º PERÍODO			
DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Enfermagem Ginecológica e Obstétrica I	90	Obrigatória	Específico
Enfermagem Pediátrica e Neonatológica I	90	Obrigatória	Específico
Ética e Exercício da Enfermagem	30	Obrigatória	Específico
Antropologia da Saúde	45	Obrigatória	Comum
Administração II	45	Obrigatória	Específico
	Carga Horária do Período	300	
	Carga Horária Acumulada	2705	

8º PERÍODO			
DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Enfermagem Ginecológica e Obstétrica II	90	Obrigatória	Específico
Enfermagem Pediátrica e Neonatológica II	90	Obrigatória	Específico
Enfermagem Herbiátrica	30	Obrigatória	Específico
Filosofia e Enfermagem	45	Obrigatória	Comum
Práticas de Saúde Coletiva	75	Obrigatória	Específico
Trabalho de Conclusão de Curso I	45	Obrigatória	Específico
	Carga Horária do Período	375	
	Carga Horária Acumulada	3080	

9º PERÍODO			
DISCIPLINA	CHT	NATUREZA	NÚCLEO
Estágio Curricular Obrigatória I	448	Obrigatória	Específico
Carga horária do período	448		
Carga horária acumulada	3528		

10º PERÍODO			
DISCIPLINA	CHT	NATUREZA	NÚCLEO
Estágio Curricular Obrigatória II	448	Obrigatória	Específico
Trabalho de Conclusão de Curso II	45	Obrigatória	Específico
Carga horária do período	493		
Carga horária acumulada	4021		

7.2 Ementário das Disciplinas

SAÚDE COLETIVA

Ementa: História da saúde pública no Brasil. Tendências e modelos em saúde coletiva. Saúde no Brasil e região centro-oeste. SUS: princípios, estrutura, organização, mobilização social. Políticas de saúde. Estrutura e funcionamento das instituições e suas relações com os serviços de saúde. Níveis progressivos de assistência à saúde.

Bibliografia Básica:

BERTOLLI FILHO, C. História da Saúde Pública no Brasil. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002. 71p.

BRASIL, M.S. Entendendo o SUS. 3º ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 27 p. Disponível em: www.saude.gov.br.

FIGUEREDO, N.M.A. Ensinando a Cuidar em Saúde Pública – Série Práticas de Enfermagem. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2008. Volume Único.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, M.S. A política de Saúde no Brasil nos anos 90: avanços e limites. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 52 p. Disponível em: www.saude.gov.br.

BRASIL, M.S. SUS DE A A Z: garantindo saúde aos municípios. 3ºed. Brasília: Ministério da Saúde/ Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde, 2002. 480 p. Disponível em: www.saude.gov.br.

MINAYO, M.C.S; CAMPOS, G.W.S; AKERMAN, M. Tratado de saúde coletiva. 4 ed. Rio de Janeiro: hucitec, 2009. P.171-185.

RIZZOTTO, Maria Lúcia Frizon. História da Enfermagem e sua relação com a Saúde Pública. Goiânia: AB, 1999. (112 p.).

ROUQUARYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.

INTRODUÇÃO À ENFERMAGEM

Ementa: Integração do aluno à universidade. Surgimento e institucionalização da enfermagem. Compreensão histórica do cuidar em Enfermagem Instrumentos básicos de enfermagem. Concepções do homem, saúde, meio ambiente e enfermagem como norteadores da práxis profissional. Enfermagem como prática social e os diversos papéis do enfermeiro (ensino, pesquisa, assistência, gerenciamento). Introdução à ética e legislação no trabalho da enfermagem e na saúde. Cidadania e direitos humanos. Associações de classe e órgãos de fiscalização do exercício profissional. Introdução à avaliação do estado de saúde da pessoa na fase adulta.

Bibliografia Básica:

CIAMCIARULLO, T.I. Instrumentos Básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu, 2007.

KAWAMOTO, E.E.; FONTES, J.I. Fundamentos de Enfermagem. São Paulo: EPU, 1997.

TIMBY, B.K. Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de Enfermagem. 8º ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Bibliografia Complementar:

LIMA, M.J. O que é Enfermagem. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SILVA, M.J.P. O amor é o caminho. São Paulo: Loyola, 2002.

GIOVANINI, T. História da Enfermagem: versões e interpretações 3ºed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.

SWEARING, P. Atlas Fotográfico de procedimentos de Enfermagem. 3ºed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

NETTINA, S.M. Prática de Enfermagem, 8º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR

Ementa: Perfil e funções do socorrista. Medidas de proteção para o socorrista e para a vítima. Suporte básico de vida em emergências. Atendimento pré-hospitalar a vítimas de traumas, afogamento, catástrofes, em acidentes por animais peçonhentos e queimaduras.

Bibliografia Básica:

HIGA, E. M. S., et al. Guia de medicina de urgência. São Paulo: Manole, 2007.
MCSWAIN, N.E., et al. PHTLS – atendimento pré-hospitalar ao traumatizado. 6ª ed. São Paulo: Elsevier, 2007.
OLIVEIRA, B.F.M., et al. Trauma: atendimento pré-hospitalar. São Paulo: Atheneu, 2008.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de Diagnóstico e Tratamento de Acidentes por Animais Peçonhentos. 2001.
BRASIL. Política Nacional de Atenção à Urgência e Emergência. Brasília, 2002.
CALIL, A.M., et al. O enfermeiro e as situações de emergência. São Paulo: Atheneu, 2007.
FLEGEL, M.J. Primeiros socorros no esporte. São Paulo: Manole, 2008.
SANTOS, R. Manual de Socorro de Emergência. São Paulo, Atheneu, 2000.

ANATOMIA HUMANA I ENF

Ementa: Conceito e divisão da anatomia. Planos e eixos do corpo humano. Sistema esquelético, juntas, postura e locomoção. Sistemas muscular, tegumentar, respiratório e digestivo.

Bibliografia básica:

DANGELO, J.R.; FANTTINI, C.A Anatomia humana sistêmica e segmentar. São Paulo: Atheneu, 1995.
_____. Anatomia básica dos sistemas orgânicos. São Paulo: Atheneu, 2002.
MIRANDA, M. H. Anatomia Humana - aprendizagem dinâmica. Maringá: 2006.

Bibliografia complementar:

KAPIT, W. e ELSON, L.M. Anatomia- manual para colorir. São Paulo: Rocca, 2000.
KHALE, W.; LEONHARDT, H. e PLATZER, W. Atlas de anatomia humana. 2. São Paulo: Atheneu, 2000.
NETTER, F. H. Atlas de Anatomia Humana. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
SOBOTTA, J. Atlas de Anatomia Humana. 21ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
MOORE, K. L. Anatomia Orientada para a Prática Clínica. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

METODOLOGIA CIENTÍFICA

Ementa: Conhecimento e ciência. Enfermagem como ciência. A construção do conhecimento científico. Elaboração e desenvolvimento de um projeto de pesquisa.

Bibliografia Básica:

ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
GRESSLER, L. A. Introdução á pesquisa: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2004.

Bibliografia Complementar:

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
SANTOS, A. R. dos. Metodologia Científica: construção do conhecimento. 5ª edição Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo, Editora Cortez, 22ª edição, 2002.
ANDRADE, M. M. de. Introdução á metodologia do trabalho Científico. São Paulo, Editora Atlas, 1ª edição, 1999.
SANTOS, A. R. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro, Editora DP & A, 6ª edição, 2004.

BIOFÍSICA

Ementa: Biofísica das radiações ionizantes (física dos radionuclídeos, radiobiologia, física dos raios X e técnicas radiográficas), água, soluções e métodos biofísicos de análise, bioeletricidade (membrana biológica, biofísica das membranas, canalopatias).

Bibliografia Básica:

HENEINE, I.F. Biofísica básica. Rio de Janeiro: Atheneu, 2002.
DURAN, J. E. R. Biofísica: fundamentos e aplicações. Rio de Janeiro: Prentice Hall, 2002.
OKUNO, E. Física para ciências biológicas e biomédicas. 2.ed. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1986.

Bibliografia Complementar:

GARCIA E. A. C. Biofísica. São Paulo: Sarvier, 2000.
GARCIA E. A. C. Biofísica. São Paulo: Sarvier, 2002.
HENEINE, I.F. Biofísica básica. São Paulo: Atheneu, 2000.
NELSON, P. Física Biológica: energia, informação, vida. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
MOURÃO JÚNIOR, C. A; ABRAMOV, D.M. Curso de Biofísica. Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan, 2009.

HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA GERAL

Ementa: Introdução ao estudo da histologia. Citologia. Sangue. Tecido conjuntivo propriamente dito. Tecido epitelial. Tecido cartilaginoso. Tecido ósseo. Tecido muscular. Tecido nervoso. Desenvolvimento da primeira à oitava semana e da nona semana ao nascimento. Placenta e anexos embrionários.

Bibliografia Básica:

JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Histologia Básica: Texto e Atlas. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

KIERSZENBAUM, A.L. Histologia e Biologia Celular: Uma Introdução à Patologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MOORE, Keith L; PERSAUD, T.V.N. Embriologia básica. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Bibliografia Complementar:

JUNQUEIRA, L. C. U. Biologia estrutural dos tecidos: histologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GARTNER, L.P; HIATT, J.L. Atlas Colorido de Histologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PIEZZI, R.S; FORNES, M.W. Novo atlas de histologia normal de di Fiori. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2008.

ROHEN, J.W; LUTJEN-DRECOLL, E. Embriologia funcional: o desenvolvimento dos sistemas funcionais do organismo humano. 2.ed Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2005.

SADLER, T. W. Langman. Embriologia Médica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

PROMOÇÃO DA SAÚDE

Ementa: Histórico do movimento de promoção da saúde. Conferências nacionais e internacionais sobre promoção da saúde. Conceitos atuais e emergentes em promoção da saúde. Políticas de promoção da saúde no Brasil. Estratégias de intervenção em promoção da saúde. Educação em saúde. Pressupostos teóricos norteadores das políticas e práticas de promoção da saúde.

Bibliografia Básica:

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Promoção da Saúde. 2. ed. Brasília: MS, 2007.

OLINDA, Q.B.; SILVA, C.A.B. Retrospectiva do discurso sobre promoção da saúde e as políticas sociais. RBPS 2007; 20 (2): 65-67.

ABRASCO. Marcos Conceituais para a Construção da Política Nacional de Promoção da Saúde no Brasil. Disponível em: www.Abrasco.org.br. Acesso em: 10/08/09.

Bibliografia Complementar:

Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde. Declaração de Alma-Ata. URSS: 6 – 12 de setembro de 1978.

1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Carta de Ottawa. Ottawa: novembro de 1986.

2ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Declaração de Adelaide. Austrália: 5 – 9 de abril de 1988.

3ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde. Declaração de Sundsvall. Suécia: 9 – 15 de junho de 1991.

4ª Conferência Internacional de Promoção da Saúde. Declaração de Jacarta. Indonésia: 21 – 25 de julho de 1997.

5ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Declaração do México. Cidade do México: 5 – 9 de junho de 2000.

6ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde. Carta de Bangucoque. Tailândia: 5 – 11 de agosto de 2005.

Conferência Internacional de Promoção da Saúde. Declaração de Santa Fé de Bogotá. Colômbia: 9 – 12 de novembro de 1992.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria Nº 1.190, de 14 de Julho de 2005.

Rede de Megapaíses para Promoção da Saúde. Rede de Megapaíses. Genebra: Suíça, 18 – 20 de março de 1998.

RISCO BIOLÓGICO E BIOSSEGURANÇA

Ementa: Risco biológico e medidas de precauções básicas para a segurança individual e coletiva no serviço de assistência à saúde.

Bibliografia Básica:

BINSFELD, P.C. Biossegurança em Biotecnologia. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

VALLE, S., TELLES, J. L. Bioética e Biorrisco: abordagem transdisciplinar. Rio de Janeiro, Editora Interciência, 417p., 2003.

CIENFUEGOS, F. Segurança no laboratório. Rio de Janeiro, Editora Interciência, 269p, 2001.

Bibliografia Complementar:

MASTROENI, M. F. Biossegurança aplicada a laboratórios e serviços de saúde. São Paulo, 2ª edição, Editora Atheneu, 338p, 2005.

HINRICHSEN, S. L. Biossegurança e Controle de Infecções: Risco Sanitário Hospitalar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2004.

VARELLA, M. D.; Fontes, E.; Rocha, F.G. Biossegurança e biodiversidade: contexto científico e regulamentar. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.

HIRATA, M. H. Manual de biossegurança. Barueri, Editora Manole, 496p, 2002.

FOCACCIA, R; VERONESI, R. Tratado de Infectologia – 2 volumes, 4ª Ed, São Paulo. Ed. Atheneu. 2009.

BIOQUÍMICA

Ementa: Aminoácidos, peptídeos, proteínas, enzimas, vitaminas, coenzimas, carboidratos, lipídeos, membranas, ácidos nucleicos. Metabolismo de carboidratos, lipídeos e aminoácidos. Integração do metabolismo.

Bibliografia Básica:

CAMPBELL, M. K. Bioquímica. 3ª ed. São Paulo: Artmed, 2000.
CHAMPE, P. C.; HARVERY, R. A. Bioquímica ilustrada. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
LEHNINGER, A. L. Princípios da bioquímica. 7ª ed. São Paulo: Sarvier, 1995.

Bibliografia Complementar:

MURRAY, R. H. et al. Harper: Bioquímica. 6ª ed. São Paulo: Atheneu, 1990.
ROSKOKI JUNIOR, R. Bioquímica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.
STRYER, L. Bioquímica. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.
MORRISON, R. T. e BOYD, R.N. Química orgânica. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Guinbenkian, 1988.

ANATOMIA HUMANA II

Ementa: Sistemas nervoso, sensorial, circulatório, urinário, endócrino e reprodutor masculino e feminino.

Bibliografia básica:

DANGELO, J.R; FANTTINI, C.A Anatomia humana sistêmica e segmentar. São Paulo: Livraria Atheneu, 1995.
_____. Anatomia básica dos sistemas orgânicos. São Paulo: livraria Atheneu, 2002.
MOORE, K. L. Anatomia Orientada para a Prática Clínica. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

Bibliografia Complementar:

GARDNER, E. Anatomia: Estudo Regional do Corpo Humano. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
KAPIT, W.; ELSON, L.M. Anatomia manual para colorir. São Paulo: Rocca, 2000.
KHALE, W.; LEONHARD, T.H.; PLATZER, W. Atlas de anatomia humana. São Paulo: Atheneu, 2000.
NETTER, F.H. Atlas de Anatomia Humana. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
SOBOTTA, J. Atlas de Anatomia Humana. 21ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

HISTOLOGIA DOS ÓRGÃOS

Ementa: Sistema Linfático. Sistema Circulatório. Tubo Digestivo. Glândulas Anexas ao Tubo Digestivo. Sistema Respiratório. Pele e Anexos. Sistema Urinário. Glândulas Endócrinas. Sistema Reprodutor Masculino. Sistema Reprodutor Feminino.

Bibliografia Básica:

GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Atlas Colorido de Histologia. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia Básica: Texto e Atlas. 11. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
KIERSZENBAUM, A. L. Histologia e Biologia Celular: Uma Introdução à Patologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Bibliografia Complementar:

JUNQUEIRA, L. C. U. Biologia estrutural dos tecidos: histologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
PIEZZI, R. S. & FORNÉS, M. W. Novo atlas de histologia normal de di Fiori. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
ROHEN, J. W. & LÜTJEN-DRECOLL, E. Embriologia funcional: o desenvolvimento dos sistemas funcionais do organismo humano. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
SADLER, T. W. Langman. Embriologia Médica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
WHEATER, P. R; YOUNG, B.; HEATH, J. W. Histologia funcional: texto e atlas em cores. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

PSICOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM

Ementa: Introdução ao estudo da psicologia. O social e o biológico na determinação da condição humana. O desenvolvimento humano na perspectiva das teorias psicológicas. Características psicológicas das diferentes fases da vida humana, em seus diversos aspectos: emocional, social, cognitivo, sexual e psicológico. Relações interpessoais: enfermeiro, paciente e família.

Bibliografia Básica:

ANGUERAMI-CAMOM, V. A. Psicossomática e a psicologia da dor. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
ALLPORT, G. W. Desenvolvimento da personalidade: considerações básicas para uma psicologia da personalidade. São Paulo: Herder, 1982.
RAPPAPORT, C.R. (Coord). Psicologia do desenvolvimento. São Paulo : EPU, 1981.

Bibliografia Complementar:

FARAH, O.G.D., SÁ, A.C. (Org.) Psicologia aplicada à enfermagem. Barueri, SP : Manole, 2008.
STRAUB, R.O. Psicologia da saúde. Porto Alegre : Artmed, 2005.
FUREGATO, A.R.F. Relações interpessoais terapêuticas na enfermagem. Ribeirão Preto:Scala, 1999.
MOSCOVICI, F. Desenvolvimento interpessoal. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.
FIGUEIREDO, L. C. Psicologia: uma introdução - uma visão histórica da psicologia como ciência. São Paulo: Educ, 1996.

GENÉTICA

Ementa: Bases citológicas e cromossômicas da hereditariedade. Padrões de herança. Estudo do cariótipo humano e principais cromossomopatias. Genética molecular: estrutura do material genético, replicação, transcrição e regulação, mutação/mutagenese, técnicas moleculares aplicadas às doenças humanas. Genética bioquímica: erros inatos do metabolismo, hemoglobinopatias. Genética do desenvolvimento. Noções de genética de populações.

Bibliografia Básica:

GRIFFITHS, A.J.F.; MILLER, J.H., SUZUKI, D.T. LEWONTIN, R.C., GELBART, W.M. Introdução à Genética. 7. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan: 2002.

PIERCE, B.A. Genética: Um enfoque conceitual. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

THOMPSON, M. W.; McINNES, R. R.; WILLARD, H. F. Genética médica. 5. ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1993.

Bibliografia Complementar:

BEIGUELMAN, B. Dinâmica dos genes nas populações e nas famílias. 2. ed. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética, 1994.

BORGES-OSÓRIO, M. R.; ROBINSON, W. M. Genética humana. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

BURNS, G. W. Genética. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

GUERRA, M. Introdução à citogenética geral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

BROWN, T. A. Genética: um enfoque molecular. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

FAYOL, Michel. A criança e o mundo: da contagem à resolução de problemas. Trad. DiLeoni, R. S. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996.

OTTO, P. G. Genética humana e clínica. São Paulo: Rocca, 2004.

SONG, R. Genética humana: fabricando o futuro. Trad. Roma, J. C. e Oliveira, S. F. São Paulo: Loyola, 2005.

TECNOLOGIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Ementa:Planejamento de ensino e suas etapas. Uso de tecnologias da educação em saúde.

Bibliografia Básica:

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que planejar? Como planejar? 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FILHO, Antônio Feltran et. Al. Técnicas de Ensino: por que não? 16. ed. São Paulo: PAPIRUS, 2005.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Didática e teorias educacionais. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Bibliografia Complementar:

COSTA, Fátima Neves do Amaral. Visitando a Prática Pedagógica do Enfermeiro Professor. São Carlos: Rima, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2005.

SANT'ANNA, Flávia Maria, et al. Planejamento de ensino e avaliação. 11. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

WALDOW, Vera Regina. Estratégias de Ensino na Enfermagem: enfoque no cuidado e no pensamento crítico. 2.ed. Rio de Janeiro: VOZES, 2005.

EPIDEMIOLOGIA E BIOESTATÍSTICA

Ementa: Conceitos da epidemiologia e sua aplicação. Processo saúde-doença. Transição epidemiológica e demográfica. Medidas utilizadas em epidemiologia: de efeito e de associação. Método epidemiológico e Níveis de evidência. Epidemiologia das doenças transmissíveis e não transmissíveis. Indicadores de saúde. Testes diagnósticos. Fontes de dados epidemiológicos e Sistemas Nacionais de Informação para a Saúde. Fundamentos para a leitura crítica da literatura epidemiológica. Análise exploratória dos dados: tipos de variáveis; medidas de tendência central e de dispersão; apresentação tabular e gráfica dos dados; tabelas de contingência. Distribuição discreta e contínua. Eventos vitais. População: censo demográfico, pirâmides populacionais e estimativas.

Bibliografia básica:

FONSECA, J.A.; MARTINS, G.A. Curso de Estatística. São Paulo: Atlas, 2008.

ROUQUAYROL, M.Z.; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia e saúde. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

VIEIRA, S. Introdução à bioestatística. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Bibliografia Complementar:

MORETTIN,P.A.; BUSSAB, W.O. Estatística básica 5º ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

BEIGUELMAN, B. Curso Prático de Bioestatística. 5 ed. São Paulo: FUNPEC, 2002.

FLETCHER, R.H.; FLETCHER, S.W.; EDWARD H. WAGNER, E.H. Epidemiologia clínica: elementos essenciais. Porto Alegre: Artemed., 2006.

EDWARD H. WAGNER, E.H. Epidemiologia. Porto Alegre: Artemed., 2007.

BENSEÑOR, I.M.; LOTUFO, L.A. Epidemiologia: abordagem prática. São Paulo: Sarvier, 2005.

BASES PARA O CUIDAR DO INDIVÍDUO E DA FAMÍLIA I

Bibliografia Básica:

NANDA – North American Nursing Diagnosis Association – Diagnóstico de Enfermagem da NANDA: definições e classificações 2009-2010. Porto Alegre: Artmed, 2010.

POSSO, M.B.S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2006.

TIMBY, B.K. Conceitos e Habilidades Fundamentais no Atendimento de Enfermagem. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Bibliografia Complementar:

CARPENITO, L.J. Diagnósticos de Enfermagem. Aplicação à prática clínica. 11ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

NETTINA, S.M. Prática de Enfermagem, 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PORTO, C.C. Exame clínico. Bases para a prática médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

WRIGHT, L. M.; LEAHEY, M. Enfermeiras e famílias. Um guia para avaliação e intervenção na família. 4º Ed. São Paulo: Roca, 2008.

MCEWVEN, M.; WILLS, E. M. Bases teóricas para a enfermagem. 2ª Ed. São Paulo: Artmed, 2009.

CIANCIARULLO, T.I. Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu, 1996.

FISIOLOGIA

Ementa: Fisiologia celular e líquidos orgânicos. Estudo dos sistemas nervoso, músculo-esquelético, cardiocirculatório, respiratório, gastrointestinal, urinário, endócrino e reprodutor. Sentidos especiais.

Bibliografia Básica:

AIRES, M.M. Fisiologia, 3ª. Ed. Guanabara Koogan, 2008.

GUYTON, A.C; Hall, J.E. Tratado de Fisiologia Médica, 11ª. Ed Elsevier, 2006.

SILVERTHORN, D.U. Fisiologia Humana - Uma Abordagem Integrada, 2ª Ed. Manole, 2003.

Bibliografia Complementar:

CURI, R.; FILHO, J.P. Fisiologia Básica, 1ª. Ed. Guanabara Koogan, 2009.

KANDELL, E.R.; SCHWARTZ, J.H.; JESSEL, T.M. Princípios de Neurociência, 4ª. Ed. Manole, 2003.

CONSTANZO, L. Fisiologia, 2a. Ed., 2007, Ed. Elsevier.

TORTORA, G. J. Fundamentos de anatomia e fisiologia. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2002.

KOEPPEL BM E STATON BA. Fisiologia 6a. ed. Elsevier, 2009.

IMUNOLOGIA

Ementa: Características e funções das células, moléculas e tecidos que compõem o sistema imune. Indução da resposta imune e mecanismos efetores da resposta imune humoral e celular. Regulação da resposta imune. Imunidade às infecções. Imunopatologias. Imunodiagnósticos. Imunoprofilaxia. Coleta, conservação e transporte de materiais de exames.

Bibliografia Básica:

WILMAR, D. S., MOTA, I.. Bier Imunologia Básica e Aplicada. Rio de Janeiro, 5ª edição, Editora Guanabara Koogan, 388p, 2003.

ABBAS, A. K.; ANDREW, H. L. Imunologia Celular e Molecular. Rio de Janeiro, Editora ELSEVIER, 564p., 2008.

JANEWAY, C. A. et. al. Imunobiologia: o sistema imune na saúde e na doença. Porto Alegre, 6º edição, Editora Artmed, 2007.

Bibliografia Complementar:

ROITT, I.; BROSTOFF, J; MALE, D. Imunologia. São Paulo, 6º edição, Editora Manole, 2004.

ROITT, I.; RABSON, A. Imunologia Básica. Rio de Janeiro, 1º edição, Editora Guanabara Koogan, 2003.

PARSLOW, T. G. et. al. Imunologia Médica. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2004.

TRISTRAM, G. P. Imunologia médica e aplicada. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 684p, 2004.

BALESTIERI, F. M. P. Imunologia. São Paulo, 4ª edição, Editora Manole, 2006.

MICROBIOLOGIA

Ementa: Estudo da morfologia, citologia e fisiologia dos microrganismos. Relação entre microrganismos e infecções humanas. Microbiota humana e nosocomial. Coleta, conservação e transporte de materiais.

Bibliografia básica:

JAWETZ, E. MELNICK, J.L.; ADELBERG, E.A. Microbiologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

LACAZ, C.S.; PORTO, E. MARTINS, J.E.C. Micologia Médica. 8ª ed. São Paulo: Savier, 1991.

TRABULSI, L.R.; ALTHERTUM, F.; GOMPERTZ O.F.; CANDEIAS, J.A.N. Microbiologia. 3ª ed. Porto Alegre: Atheneu, 2008.

Bibliografia complementar:

SANTOS, N.S.O.; ROMANOS, M.T. V.; WIGG, M.D. Introdução à Virologia Humana. 1ª ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2008.

BARROS, E.; BITTENCOURT, H.; CARAMORI, M.L.; MACHADO, A. Antimicrobianos - consulta rápida. 3º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
SIDRIM, J.J.C.; ROCHA, M.F.G. Micologia médica à luz de autores contemporâneos. 1º ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2004.
SIDRIM, J.J.C.; ROCHA, M.F.G. Micologia médica à luz de autores contemporâneos. 1º ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006.
BURTON, G. R. W.; ENGELKIRK, P. G. Microbiologia para as Ciências da Saúde. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.

BASES PARA O CUIDAR DO INDIVÍDUO E DA FAMÍLIA II

Ementa: Processo de enfermagem: planejamento, implementação e avaliação da assistência de enfermagem ao indivíduo adulto, idoso e família com alterações de saúde de baixa e média complexidade. Classificação de Intervenções e de Resultados de Enfermagem.

Bibliografia Básica:

DOENGES, M. E. ; MOORHOUSE, M.F.; GEISSLER, A. C. Planos de cuidado de Enfermagem. Orientações para o cuidado individualizado do paciente. Trad. Isabel Critina Fonseca da Cruz, Ivone Evangelista Cabral e Márcia Tereza Luz Lisboa. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
JOHNSON, MARION. Ligações entre NANDA, NOC e NIC – Diagnósticos, Resultados e Intervenções. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
NANDA – North American Nursing Diagnosis Association – Diagnóstico de Enfermagem da NANDA: definições e classificações 2009-2010. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Bibliografia Complementar:

CARPENITO, L.J. Diagnósticos de Enfermagem. Aplicação à prática clínica. 11ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
NETTINA, S.M. Prática de Enfermagem, 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
PORTO, C.C. Exame clínico. Bases para a prática médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
POSSO, M.B.S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2006.
TIMBY, B.K. Conceitos e Habilidades Fundamentais no Atendimento de Enfermagem. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CENTRO DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO

Ementa: Tipos de Centros de Material e Esterilização - CME, estrutura física, recursos materiais e fluxograma de funcionamento. Recursos humanos, funções do enfermeiro de CME. Métodos de desinfecção e esterilização de artigos odonto-médico-hospitalares, etapas operacionais e seus controles de qualidade, recursos materiais e técnicas relacionadas a cada etapa. Controles físicos, químicos e biológicos dos processos de esterilização. Riscos laborais em CME, Equipamentos de Proteção Individual e Coletiva.

Bibliografia Básica:

SILVA A.A, et al. Enfermagem na unidade de centro cirúrgico. 2ª ed. São Paulo: EPU/ EDUSP; 1997.
SOBECC. Práticas recomendadas sobecc. 5. ed. São Paulo: SOBECC, 2009.
MOURA, M.L.P.A. Enfermagem em Centro de Material e Esterilização. 2. ed. São Paulo: SENAC, 1999.

Bibliografia Complementar:

NOGAROTO, S. L.; PENNA, T.C.V. Desinfecção e Esterilização. São Paulo: Atheneu, 2006. TAUBE, S.A.M.; MEIER, M.J. O processo de trabalho da enfermeira na central de material e esterilização. Acta paul. enferm., São Paulo, v. 20, n. 4, dez. 2007.
POSSARI, J.F. Centro de material e esterilização: planejamento e gestão. São Paulo, editora Iátria. 2003.
SILVA, A. Organização do trabalho na unidade de centro de material. Rev. Esc. Enferm. USP 1998; 32(2):169-78.
BARTOLOMEI, S.R.T.i; LACERDA, R.A. Trabalho do enfermeiro no Centro de Material e seu lugar no processo de cuidar pela enfermagem. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 40, n. 3, set. 2006.
JAWETZ, E. Microbiologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

FARMACOLOGIA BÁSICA

Ementa: Fundamentos de farmacologia tratando da farmacocinética e farmacodinâmica das drogas de modo geral. Neurotransmissão periférica e central. Abordagem farmacológica de pacientes especiais: idosos, gestantes, neonatos, cardiopatas, nefropatas e hepatopatas. Uso racional de medicamentos.

Bibliografia Básica:

RANG, H.P; DALE, M.M; RITER, J.M; FLOWER, R.J. Farmacologia. 6.ed. Elsevier, 2007.
GOODMAN, E; GILMAN, A.G; RALL, T.N; NIES, A.S; TAYLOR, P. As bases farmacológicas da terapêutica. 11.ed. Editora McGraw Hill, 2007.
SILVA, P. Farmacologia. 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Bibliografia Complementar:

KATZUNG, B.G. Farmacologia básica e clínica. 10.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
ASPERHEIM, M.K. Farmacologia para Enfermagem. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
MYCEK, M.J; et al. Farmacologia ilustrada de Lippincott- revisões. 3.ed. Editora Artmed, 2007.
HOLLINGER, M.A. Introduction to pharmacology. 2.ed. Editora Taylor & Francis, 2003.
GRAEFF, EG; GUIMARAES, E.S. Fundamentos da psicofarmacologia. Atheneu, 1999.

SAÚDE MENTAL

Ementa: O homem e suas relações. A construção da dimensão pessoal do enfermeiro - autoestima e autoimagem. Instrumentos básicos do cuidar: comunicação, observação, criatividade, concepções do trabalho em grupo / equipe, relacionamento interpessoal. Bases das intervenções de saúde mental na prática em saúde.

Bibliografia Básica:

COSTENARO, R. G.; LACERDA, M. R. Quem cuida de quem cuida? Quem cuida do cuidador? Santa Maria: Centro Universitário, 2001.
D' ANDRÉA, F. F. Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO (org.). Textos de Apoio em Saúde Mental. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

Bibliografia Complementar:

FUREGATO, A.R.F. Relações interpessoais terapêuticas na enfermagem. Ribeirão Preto: Scala, 1999.
LEWIS, M. E. & LEWIS, H. R. Fenômenos psicossomáticos: até que ponto as emoções podem afetar a saúde. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
MIRANDA, C.F.; MIRANDA, M.L. Construindo a relação de ajuda. Belo Horizonte: Crescer. 1996.
MOSCOVICI, F. Desenvolvimento interpessoal. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.
RODRIGUES, A. R. F. Enfermagem psiquiátrica: saúde mental- prevenção e intervenção. São Paulo. EPU, 1996.
RUDIO, F.V. Orientação não diretiva: na educação, no aconselhamento e na psicoterapia. 13 Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

PATOLOGIA

Ementa: Causas, mecanismos básicos, características morfológicas (macro e microscópicas), evolução e conseqüências dos processos patológicos gerais associados às doenças. Repercussões funcionais e conseqüências dos processos patológicos gerais sobre as células, tecidos, órgãos e sistemas.

Bibliografia Básica:

BRASILEIRO FILHO, G. B. Patologia Geral. 3.ed. Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan , 2004.
COTRAN, R.S.; KUMAR, V.; ROBBINS, S.L. Patologia estrutural e Funcional. 6ed. Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan, 2000.
MONTENEGRO, M.R.; FRANCO M. Patologia: Processos Gerais. 3.ed. São Paulo: Atheneu, 1992.

Bibliografia Complementar:

BRASILEIRO FILHO G, PEREIRA FEL, PITTELLA JEH, BAMBIRRA EA, BARBOSA AJA. BOGLIOLO. Patologia. 7 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
COTRAN RS, KUMAR V, ROBBINS SL. Patologia Estrutural e Funcional. 7 ed.. Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan, 2005.
RUBIN E, FARBER JL. Patologia. 4.ed. Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan, 2006.
<http://www.icb.ufmg.br/pat/pat/>
<http://www.uftm.edu.br/instpub/fmtm/patge/index.htm>
<http://www.usp.br/fo/lido/patoartegeral/patoartegeral2.htm>
http://www.medicina.ufba.br/patologia_i/welcome.htm
<http://www.fcm.unicamp.br/deptos/anatomia/aulas2.html>
<http://www.iptsp.ufg.br/patologia/PDF/roteiromicro.pdf>

PARASITOLOGIA

Ementa: Ambiente e relação parasito-hospedeiro. Distribuição epidemiológica e geográfica de parasitas do homem. Biomorfologia, cadeia epidemiológica, patogenia, diagnóstico clínico-laboratorial, profilaxia, controle, tratamento de endemias parasitárias. Sistemática zoológica. Protozoários, helmintos, moluscos e artrópodes de relevância epidemiológica. Coleta, conservação e transporte de materiais de exame.

Bibliografia Básica:

NEVES, D.P. et al. Parasitologia humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2005.
REY, L. Bases de Parasitologia Médica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
CARLI, G.A. Parasitologia clínica: seleção de métodos e técnicas de laboratório para o diagnóstico das parasitoses humanas. São Paulo: Atheneu, 2007.

Bibliografia complementar:

- REY, L. Bases da parasitologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
BRENER, Z. *Trypanosoma cruzi* e doença de Chagas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
COURA, J.R. Dinâmica das doenças infecciosas e parasitárias. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
MARCONDES, C.B. Entomologia Médica e Veterinária. Rio de Janeiro: Atheneu, 2001.
REY, L. Parasitologia. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

ENFERMAGEM CLÍNICA

Ementa: Análise das condições de vida e saúde do adulto e idoso com relação aos aspectos biopsicossociais e epidemiológicos. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao adulto e ao idoso portador de doenças crônico-degenerativas em tratamento clínico no ambiente hospitalar. Nutrição enteral e parenteral. Atuação de enfermagem em procedimentos e métodos diagnósticos. Organização e funcionamento de unidade de clínica geral.

Bibliografia básica:

- SMELTZER, S. C.; BARE, B. G.; HINKLE, J. L.; CHEEVER, K.H. Brunner & Suddart Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
DOENGES, M. E. Planos de cuidado de enfermagem: orientações para o cuidado individualizado do paciente. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
NETTINA, S.M. Prática de Enfermagem. 8ª ed. Ed. Guanabara Koogan, 2007.

Bibliografia complementar:

- CECIL, R. L. Tratado de medicina interna. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificação 2007 – 2008. Porto Alegre: Artmed, 2008.
GALANTE, F. A. B. A. Procedimentos básicos em enfermagem. Campinas, SP: Komedi, 2009.
POSSO, M. B. S. Semiologia e semiotécnica de enfermagem. Sao Paulo: Atheneu, 2000.
SWEARINGEN, P. L. Atlas fotográfico de procedimentos de enfermagem. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

ENFERMAGEM EM DOENÇAS INFECCIOSAS

Ementa: Doenças infecciosas prevalentes em nossa região e país. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada a pessoas com doenças infecciosas. Profilaxia das infecções por topografia: acesso vascular, sistema urinário e respiratório. Atuação da enfermagem em procedimentos e métodos diagnósticos.

Bibliografia Básica:

- FOCACACCIA, R; VERONESI, R. Tratado de Infectologia – 2 volumes, 4ª Ed, São Paulo. Ed. Atheneu. 2009.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica. Série A. Normas e Manuais Técnicos. 8ª Ed. Brasília, 2010. 816p. Disponível:< <http://www.saude.gov.br/svs>>.
FERREIRA, A. W.; AVILA, S.L.M. Diagnóstico laboratorial: avaliação de métodos de diagnóstico das principais doenças infecciosas, parasitárias e auto-ímmunes. 2.ed., Ed Guanabara Koogan AS, 2001.

Bibliografia Complementar:

- CIANCIARULLO, T.I. Sistema de Assistência de Enfermagem: evolução e tendências. 2ª Ed, Icone, 2003.
HERMANN, H. Enfermagem em doenças transmissíveis. 2ª Ed, EPU, 2000.
FARHAT, C.K. et all. Imunização: fundamentos e prática. Ed Atheneu, São Paulo, 2000.
BRITO, C.A.A. Conduta em Doenças Infecciosas. 1ª Ed, Medsi, 2004.
RALPH, S.S.; TAYLOR, C.M. Manual de diagnóstico de enfermagem. Tradução Isabel Cristina Fonseca da Cruz, José Eduardo Ferreira Figueiredo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

VIGILÂNCIA À SAÚDE

Ementa: Vigilância Epidemiológica. Vigilância Sanitária. Vigilância ambiental. Territorialização. Dinâmica da população. Diagnóstico de Saúde da comunidade.

Bibliografia Básica:

- BRASIL, MS. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília: ministério da saúde, 2009. (Serie A, Normas e Manuais Técnicos). 816 p. Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.
BRASIL, MS. Manual de Gestão da Vigilância em Saúde. Brasília: ministério da saúde, 2009. (Serie A, Normas e Manuais Técnicos). 80 p. Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.
CAMPOS, G.W.S. Tratado de Saúde Coletiva. 2.ed. São Paulo: FIOCRUZ, 2009. 871p.

Bibliografia Complementar:

- ALMEIDA, J. et al. Política e Planejamento Ambiental. 3 ed. Rio de Janeiro: Thex, 2006. 457p.
BRASIL, MS. Curso Básico de Vigilância Epidemiológica. Brasília: ministério da saúde, 2005. Módulo I e II. Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.
BRASIL, MS. Vigilância em Saúde no SUS: fortalecendo a capacidade de resposta aos velhos e novos desafios. Brasília, 2006. (Serie B, Textos básicos de saúde). 228 p. Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.
GIOVANELLA, L.et al. Políticas e sistema e saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
PHILIPPI JR, A. et al. Curso de Gestão Ambiental. Barueri, SP: Manole, 2004. 1045p.

FARMACOLOGIA APLICADA

Ementa: Farmacologia da dor. Farmacologia cardiovascular e renal. Antimicrobianos. Drogas que atuam no sistema nervoso central e dependência química. Mecanismo de ação dos fármacos, efeitos terapêuticos e adversos, interações medicamentosas e características farmacocinéticas das drogas.

Bibliografia Básica:

RANG, H.P; DALE, M.M; RITER, J.M; FLOWER, R.J. Farmacologia. 6.ed. Elsevier, 2007.

KATZUNG, B.G. Farmacologia básica e clínica. 10.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

SILVA, P. Farmacologia. 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Bibliografia Complementar:

GOODMAN, E; GILMAN, A.G; RALL, T.N; NIES, A.S; TAYLOR, P. As bases farmacológicas da terapêutica. 11.ed. Editora McGraw Hill, 2007.

ASPERHEIM, M.K. Farmacologia para Enfermagem. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

MYCEK, M.J; et al. Farmacologia ilustrada de Lippincott- revisões. 3.ed. Editora Artmed, 2007.

HOLLINGER, M.A. Introduction to pharmacology. 2.ed. Editora Taylor & Francis, 2003.

GRAEFF, EG; GUIMARAES, E.S. Fundamentos da psicofarmacologia. Editora Atheneu, 1999.

NUTRIÇÃO

Ementa: Conceitos básicos em alimentação e nutrição. Hábitos e práticas alimentares. Necessidades e recomendações nos diferentes ciclos da vida. Macro e micronutrientes - função, fontes e recomendação. Segurança alimentar. Avaliação nutricional. Alimentação na promoção da saúde e prevenção de doenças. Dietas com consistência modificada. Dietoterapia nas doenças crônicas não transmissíveis. Nutrição enteral e parenteral.

Bibliografia Básica:

ESCOTT-STUMP, S. Nutrição relacionada ao diagnóstico e tratamento. São Paulo: Manole, 1999.

KAUSE, M. K. Alimentos, nutrição e dietoterapia. São Paulo: Rocca, 1998.

NOBREGA, F. Distúrbios da Nutrição. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

Bibliografia Complementar:

PENTEADO, M. Vitaminas, São Paulo: Manole, 2003.

SHILS, M. E. et.al. Tratado de nutrição moderna na saúde e na doença. Trad. Favara A. et. al Barueri: Manole, 2003.

SOLA, J. E. Manual de dietoterapia do adulto. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.

BRASIL, M. S. Política Nacional de Alimentos e nutrição, Brasília, 2003.

BURTON, B. T. Nutrição Humana. Washington, OMS, 1976.

ENFERMAGEM CIRÚRGICA

Ementa: Metodologia da assistência de enfermagem aplicada à pessoa adulta / idosa e acompanhantes no período perioperatório. Procedimentos especializados de enfermagem cirúrgica. Atuação de enfermagem em métodos diagnósticos. Medidas profiláticas relacionadas às infecções de feridas cirúrgicas. Organização e funcionamento de unidades cirúrgicas.

Bibliografia Básica:

MEEKER, M.H.; ROTHROCK, J.C. Alexander: Cuidados de Enfermagem ao Paciente Cirúrgico. 10ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara-Koogan. 1997.

POSSARI, J.F. Centro Cirúrgico – Planejamento, Organização e Gestão. São Paulo: Iátria, 2009.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRÚRGICO. PRÁTICAS RECOMENDADAS DA SOBECC. 4ª ed. São Paulo, SOBECC, 2009.

Bibliografia Complementar:

BATES, B. Propedêutica Médica. 6º ed. Rio de Janeiro. Guanabara – Koogan, 2006.

BLACK, J.M.; MATASSARIN-JACOBS, E. Luckmann & Sorensen: Enfermagem Médico-Cirúrgica - Uma Abordagem Psicofisiológica. 4ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara – Koogan. 1996. V. 1 e 2.

CARPENITO, L.J. Diagnósticos de enfermagem – aplicação à prática clínica. 8 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 2002.

DOENGES M.E., MOORHOUSE, M.F., GEISSLER A.C. Planos de cuidado de enfermagem: orientações para o cuidado individualizado do paciente. 5ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2000.

FISCHBACH, F. Manual de Enfermagem - Exames Laboratoriais e Diagnósticos. 7ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2005.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ESTUDOS E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR. Prevenção da Infecção de Sítio Cirúrgico. 2ª ed. São Paulo, Associação Paulista de Estudos e Controle de Infecção Hospitalar, 2001.

POSSARI, J.F. Assistência de Enfermagem na Recuperação Pós-anestésica (RPA). São Paulo: Iátria, 2003.

ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA

Ementa: As diferentes concepções de loucura e sua historicidade. Políticas de saúde mental. Fundamentos da enfermagem psiquiátrica. Transtornos mentais. Dependências químicas. Estratégias de intervenção em saúde mental. A prática de saúde mental nos diversos espaços terapêuticos.

Bibliografia Básica:

ALVARENGA, P. G. de. Fundamentos em psiquiatria. São Paulo: Manole, 2008.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas.
BRASIL. Ministério da Saúde, Saúde mental no SUS: acesso ao tratamento e mudança do modelo de atenção. Relatório de gestão 2003-2006. Brasília, 2007.

Bibliografia Complementar:

AMARANTE, P. Loucos pela vida : a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: SDE/ENSP, 1998.
AMARANTE, P. Saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. Rev. Psiq. Clin., v.34, supl. 1, p.25-33, 2007.
JATENE, A.; LANCETTI, A. (ORG.). Saúde mental e saúde da família. São Paulo: Hucitec, 2001.
PORTELLA, N.; BUENO, R. Psiquiatria e saúde mental: conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais. São Paulo: Atheneu, 2009.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A PACIENTE CRÍTICO

Ementa: Sistema de classificação de risco. Assistência de Enfermagem sistematizada a pacientes adultos / idosos graves ou em estado crítico e aos seus familiares. Aspectos ético-humanísticos da assistência de enfermagem ao paciente crítico / grave e aos seus familiares.

Bibliografia Básica:

CINTRA, E. A. Assistência de Enfermagem ao paciente gravemente enfermo. São Paulo, 2ª edição, Editora Atheneu, 2008.
GOMES, A.M. Enfermagem na unidade de terapia intensiva. São Paulo, 3ª edição, Editora EPU, 2008.
OLIVEIRA, A. S. B. Guia de medicina de urgência. São Paulo, Editora Manole, 2007.

Bibliografia Complementar:

SOY ANDRADE, M. T. Cuidados intensivos. Rio de Janeiro, Editora Mc Graw-Hill, 1998.
MORTON, P.G.; FONTAINE, D.K.; HUDAK, C.M.; GALLO, B.M. Cuidados Críticos de Enfermagem: uma abordagem holística. Rio de Janeiro, 8ª edição, Guanabara Koogan, 2007.
CALIL, A. M.; PARANHOS, W. Y. O Enfermeiro em situações de emergência. São Paulo, 1ª edição, Editora Atheneu, 2007.
KNOBEL, E. Terapia intensiva em enfermagem. São Paulo, Editora Atheneu, 2006.
CARVALHO, C. R. R. Ventilação mecânica: básico. São Paulo: Astra Zeneca, 2000.

ADMINISTRAÇÃO I

Ementa: Teorias de administração científica aplicadas à enfermagem. Filosofia e estrutura organizacional. Divisão de trabalho em enfermagem. Meios e instrumentos do processo de trabalho. Tipos de gestão. Sistema de informação. Planejamento. Processo decisório. Trabalho em equipe, conflitos, negociação.

Bibliografia Básica:

CHIAVENATO, I Introdução à Teoria Geral da Administração, 3ed revisada e atualizada, Ed. Campus, Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
KURCGANT, P Gerenciamento em Enfermagem, São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.
MARQUIS, B L e HUSTON, C J – Administração e Liderança em enfermagem – 6ª ed. Porto Alegre, Ed Artmed, 2010.

Bibliografia Complementar:

BENITO, G.A.V. Competências gerenciais na formação do Enfermeiro Revista Brasileira de Enfermagem, 2010, jan-fev,63 (1) 91-7.
FERNANDES, MS, SPAGNOL,CA, TREVISAN,MA, SAYASHIDA, M. A conduta gerencial da enfermeira: um estudo fundamentado nas teorias gerais da administração. R, 2003 março-abril; 11(2):161-7.
KURCGANT,P;CIAMPONE,M.H,T.A pesquisa na área de gerenciamento em enfermagem no Brasil, Revista Brasileira de Enfermagem 2005,mar-abr,58(2) 161-4.
HUNTER, J C - O monge e o executivo - Uma História Sobre a Essência da Liderança. Ed Sextante, 2005.
HUNTER, J C – Como se tornar um líder servidor . Ed Sextante, 2006.

SOCIOLOGIA

Ementa: O homem sob a perspectiva sociológica. Conjuntura nacional. Organização e dinâmica social. Sociedade e ciência. Poder. Política social e enfermagem. Representação social da doença. Papel social da enfermagem.

Bibliografia Básica:

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
MARCELINO, N. Introdução às ciências sociais. Papirus: São Paulo, 1999.
QUITANEIRO, M. Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. UFMG: Minas Gerais, 1996.

Bibliografia Complementar:

- ANDERY, M. A. P. A (org.). Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamm, 2006.
- BOURDIEU, P. Os usos sociais das ciências: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.
- CHAUI, M. O que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- COHN, G. (org.) Weber Sociologia. São Paulo: Ática, 1986.
- DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. São Paulo: Nacional, 1966.
- IANNI, O. (org.) Marx Sociologia. São Paulo: Ática, 1987.
- MARTINS, C. B. O que é sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GABRIELLE, J. M. W. Formação do enfermeiro: buracos negros e pontos de luz. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. 2004.
- PRAXEDES, W. Por uma nova Ciência. Mimeo: USP, 2005.

ENFERMAGEM GINECOLÓGICA E OBSTÉTRICA I

Ementa: Estudo da assistência integral à Saúde da mulher no contexto das políticas públicas de Saúde de acordo com as Diretrizes do Sistema Único de Saúde; levar o aluno a compreender a anatomia e fisiologia da mulher, Estimular a compreensão da mulher no contexto individual e familiar (sexualidade, planejamento familiar, prevenção de DST, CA de mama e Colo de útero, climatério, aspectos físicos e psicológicos. Capacitar para a assistência Integral ao pré natal de baixo risco no contexto da Atenção Básica.

Bibliografia Básica:

- CARVALHO, G.M. Enfermagem em obstetrícia. São Paulo: EPU, 2002.
- TEZZA, V.M. Enfermagem obstétrica e neonatal. Florianópolis: Bernúncia, 2002.
- REZENDE, M.; MONTENEGRO, K. Obstetrícia fundamental 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

Bibliografia Complementar:

- BRASIL. Ministério da Saúde. *Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, Política de Atenção Integral à Saúde da Mulher*, Princípios e Diretrizes Brasília, DF, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. *Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada – manual técnico/Ministério da Saúde*, Brasília, 2006.
- FISCHBACH, F. Manual de Enfermagem - Exames Laboratoriais e Diagnósticos. 7ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 2005.
- NEME, B. Obstetrícia Básica ed. Sarvier, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, urgências e emergências maternas* Brasília, DF, 2003.

ENFERMAGEM PEDIÁTRICA E NEONATOLÓGICA I

Ementa: Políticas de atenção à saúde da criança. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao recém-nascido e à criança sadios e com afecções prevalentes, em ambulatórios e na comunidade.

Bibliografia Básica:

- ENFERMAGEM pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2006.
- RICCO, R.G.; CIAMPO, L. A. D.; ALMEIDA, C.A. N. Puericultura: princípios e práticas-atenção integral à saúde da criança e do adolescente. São Paulo: Atheneu, 2000.
- RODRIGUES, Y. T.; RODRIGUES, P. P. B. Semiologia pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

Bibliografia Complementar:

- BRASIL. Ministério da Saúde. AIDPI Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância: curso de capacitação. 2. ed. Brasília: MS, OMS, OPAS, 2003. Módulo I ao VII. Disponível em:<www.saude.gov.br>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Estatuto da criança e do adolescente. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Série E. Legislação de Saúde). Disponível em:<www.saude.gov.br>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar. Brasília, 2009. (Cadernos de Atenção Básica, 23). Disponível em:<www.saude.gov.br>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Cartilha para a mãe trabalhadora que amamenta. Brasília, 2010. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde). Disponível em:<www.saude.gov.br>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Linha de cuidado para atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília, 2010. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde). Disponível em:<www.saude.gov.br>.

ÉTICA E EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM

Ementa: Abordagem geral da ética. Instrumentos ético-legais que norteiam o exercício profissional da

Enfermagem. Temas em ética e bioética no ensino, pesquisa e assistência de enfermagem. Entidades de classe.

Bibliografia Básica:

GELAIN, I. Deontologia e enfermagem. São Paulo: EPU, 2002.

FONTINELE JÚNIOR K. *Ética e Bioética na enfermagem*. AB, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Código de ética dos profissionais de enfermagem.

Bibliografia Complementar:

CLOTET, J. *Bioética: uma aproximação*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2003.

BATISTA, P. S. S.; COSTA, S. F. G. *Ética no cuidar em Enfermagem*. João Pessoa. Idéia, 2002.

CORTELLA, M. S. *Qual é a tua obra: inquietações propositivas*, ed. Vozes, 2009.

FINKLER, M. et al. Formação ética: um compromisso a partir das Diretrizes Curriculares, Rev. Trabalho, Ed.Saúde, Rio de Janeiro. v8, n3, p.449-462 nov. 2010/Fev. 2011.

FERNANDES, J. D. et al. Dimensão ética do fazer cotidiano no processo de formação do enfermeiro, Rev. Esc. Enf. USP, 2008, 42 (2) : 396 - 403.

ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

Ementa: Cultura: conceitos, relativismo e etnocentrismo. Saúde e cultura. Cultura brasileira. Valores, preconceitos, tabus, crenças e religião.

Bibliografia Básica:

BERGER, P. L. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, R. J. Antropologia para quem não vai ser antropólogo. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Bibliografia Complementar:

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HERTZ, R. A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. Tradução de Alba Zaluar, Unicamp, Depto. de Ciências Sociais. s/d.

LANGDON, E. J.; WIIK, F. B. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. Rev. Latino-americana de Enfermagem, 18(3), mai/jun/2010.

LARAIA, R. B. Cultura e Social. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

OLIVEIRA, F. A. Antropologia nos serviços de saúde: integralidade, cultura e comunicação. Interface, V. 6, n. 10, p. 63-74, 2002.

PROCHNOW, A. G.; LEITE, J. L.; ERDMANN, A. L. Teoria interpretativa de Geertz e a gerência do cuidado: visualizando a prática social do enfermeiro. Rev.Latino-americana de Enfermagem, 13(14): 583-590, 2005.

SEVALHO, G. Uma abordagem histórica das representações sociais de saúde e doença. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9(3): 349-363, jul/set/1993.

TESSER, C. D. Três considerações sobre a 'má medicina'. Interface, v.13, n.31, p.273-286, out/dez/2009.

UCHÔA, E.; VIDAL, J. M. Antropologia médica: elementos conceituais e metodológicos para uma abordagem da saúde e da doença. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 10 (4): 497- 504, out/dez/1994.

ADMINISTRAÇÃO II

Ementa: Políticas para gestão de recursos físicos, financeiros, materiais e humanos. Poder e cultura nas organizações. O gerenciamento de enfermagem nos contextos públicos (hospitalar e unidades de saúde), privados e outras modalidades assistenciais. Planejamento estratégico e normativo. Gerenciamento de recursos humanos, dimensionamento, recrutamento e seleção, educação continuada, avaliação de desempenho, liderança, supervisão, comunicação, relações de trabalho e processo grupal. Avaliação da qualidade nos processos de trabalho: custos, auditoria, acreditação. Qualidade de vida e saúde do trabalhador.

Bibliografia Básica:

CHIAVENATO, I Introdução à Teoria Geral da Administração, 3ed revisada e atualizada, Ed. Campus, Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

KURCGANT, P Gerenciamento em Enfermagem, São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.

MARQUIS, B L e HUSTON, C J – Administração e Liderança em enfermagem – 6ª ed. Porto Alegre, Ed Artmed, 2010.

Bibliografia Complementar:

BENITO, G.A.V. Competências gerenciais na formação do Enfermeiro Revista Brasileira de Enfermagem 2010,jan-fev,63 (1) 91-7.

FERNANDES, MS, SPAGNOL,CA, TREVISAN,MA, SAYASHIDA, M. A conduta gerencial da enfermeira: um estudo fundamentado nas teorias gerais da administração. Rev Latino-Americana de Enfermagem 2003 março-abril; 11(2):161-7.

KURCGANT,P;CIAMPONE,M.H,T.A pesquisa na área de gerenciamento em enfermagem no Brasil,Revista Brasileira de Enfermagem 2005,mar-abr,58(2) 161-4.

HUNTER, J C - O monge e o executivo - Uma História Sobre a Essência da Liderança. Ed Sextante, 2005.
HUNTER, J C – Como se tornar um líder servidor. Ed Sextante, 2006.

ENFERMAGEM GINECOLÓGICA E OBSTÉTRICA II

Ementa: A enfermagem na assistência à mulher em unidades hospitalares. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada à saúde da mulher, incluindo aspectos clínicos e cirúrgicos ginecológicos e obstétricos de média complexidade.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, G.M. Enfermagem em obstetrícia. São Paulo: EPU, 2002.
TEZZA, V. M. Enfermagem obstétrica e neonatal. Florianópolis: Bernúncia, 2002.
REZENDE, M.; MONTENEGRO, K. Obstetrícia fundamental, 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

Bibliografia Complementar:

NEME, B. Obstetrícia Básica ed. Sarvier, 2006.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. *Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher – manual técnico*/Ministério da Saúde, Brasília, 2006. Disponível em www.saude.gov.br.
NADER, P.H. de J. et. al. Manual do auxiliar da reanimação neonatal, Sociedade Brasileira de Pediatria, 2008.
BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, urgências e emergências maternas. Brasília, DF, 2003. Disponível em www.saude.gov.br.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. *Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher – manual técnico*/Ministério da Saúde, Brasília, 2006. Disponível em www.saude.gov.br.

ENFERMAGEM PEDIÁTRICA E NEONATOLÓGICA II

Ementa: Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao recém-nascido e à criança sadios e com afecções prevalentes, em unidades hospitalares.

Bibliografia Básica:

BARROS, C. E. S. de; INACIO, K. L. PERIN, T. Semiotécnica do recém-nascido. São Paulo: Atheneu, 2006.
Enfermagem Pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2006.
RODRIGUES, Y. T.; RODRIGUES, P. P. B. Semiologia pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. Manual de normas técnicas e rotinas operacionais do Programa Nacional de Triagem Neonatal. 2. ed. Brasília, 2004. Parte I e II.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. Manual de condutas básicas na doença falciforme. Brasília, 2006. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde da Criança. *Atenção humanizada ao recém-nascido de baixo peso: método canguru*. Brasília, 2009. (Série A. Normas e Manuais Técnicos, n. 145).
FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Iniciativa Hospital Amigo da Criança: revista, atualizada e ampliada para o cuidado integral: módulo 1: histórico e implementação. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Iniciativa Hospital Amigo da Criança: revista, atualizada e ampliada para o cuidado integral: módulo 3: promovendo a amamentação em um Hospital Amigo da Criança: curso de 20 horas para equipes de maternidade. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

ENFERMAGEM HEBIÁTRICA

Ementa: Condições de vida e saúde do adolescente. Adolescência normal e suas transições. Problemas e agravos à saúde do adolescente. Metodologia da assistência de enfermagem aplicada ao adolescente.

Bibliografia Básica:

COSTA, M. C. O. S.; PAGNOCELLI, R. Adolescência: aspectos clínicos e psicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
RICCO, R. G.; CIAMPO, L. A. D.; ALMEIDA, C. A. N. Puericultura: princípios e práticas- atenção integral à saúde da criança e do adolescente. São Paulo: Atheneu, 2000.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília, 2010. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde integral de adolescentes e jovens: orientações para a organização de serviços de saúde. Brasília, 2007. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. A saúde de adolescentes e jovens: uma metodologia de auto-aprendizagem para equipes de atenção

básica de saúde: módulo básico. Brasília, 2007. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).
BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Um olhar sobre o jovem no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde do adolescente: competências e habilidades. Brasília, 2008. (Série B. Textos Básicos em Saúde).
BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais. Brasília, 2009. (Série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, Caderno n. 2).
DUNCAN, B.B.; SCHMIDT, M. I.; GIUGLIANE, E. R. J. (org.). Medicina ambulatorial: condutas clínicas em atenção primária. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

FILOSOFIA E ENFERMAGEM

Ementa: História da filosofia ocidental. Temas em filosofia e interfaces com a enfermagem. Processo de desenvolvimento das teorias de enfermagem e sua aplicabilidade.

Bibliografia Básica:

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, Maria Helena Pires. Temas de filosofia. 2. ed. rev. -. São Paulo: Moderna, 2000.
CHAUÍ, M.S. Introdução à história da filosofia. 2. ed. rev., ampl. e atual. -. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
MARCONDES, D. Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 5. ed. rev., Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Bibliografia Complementar:

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: introdução a filosofia. 2. ed., São Paulo: Moderna, 1993.
CHAUÍ, M. S. Convite a filosofia. 12.ed. -. São Paulo: Ática, 1999.
COTRIM, G. Fundamentos da filosofia para uma geração consciente: elementos da historia do pensamento ocidental. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1991.
HELMAN, C. G. Cultura, saúde e doença. 5. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2009.
HABERMAS, J. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
MARCONDES, D. Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 5. ed.; Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

PRÁTICAS DA ENFERMAGEM EM SAÚDE COLETIVA

Ementa: Assistência de enfermagem aplicada ao indivíduo, família e comunidade no contexto dos programas e políticas de saúde. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de ações de saúde junto a instituições do Sistema Único de Saúde e outras.

Bibliografia Básica:

BRASIL, M.S. Cardeno de hipertensão arterial sistêmica e diabetes mellitus – protocolo. Brasília: ministério da saúde, 2001. (caderno de atenção 7). 96p. Disponível: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_06.pdf.
BRASIL, M.S. Controle dos cânceres do colo de útero e da mama. Brasília: ministério da saúde, 2006, (caderno de atenção 13). 132p. Disponível em: http://dab.sau.gov.br/imgs/publicacoes/cadernos_ab/abcd13.jpg.
BRASIL, M.S. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: ministério da saúde, 2006, (série pactos pela saúde 2006). 48p. Disponível em: http://dab.sau.gov.br/imgs/publicacoes/pactos/pactos_vol4.jpg.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, MS. Vigilância em saúde. 2.ed. Brasília: ministério da saúde, 2008.(caderno de atenção 21). 132p. Disponível em: http://dab.sau.gov.br/imgs/publicacoes/cadernos_ab/abcd21.jpg.
BRASIL, M.S. Diretrizes do NASF: núcleo de apoio à saúde da família. Brasília: ministério da saúde, 2010, (Serie A, Normas e Manuais Técnicos). 152p. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_do_nasf_nucleo.pdf.
BRASIL, M.S. Dengue: manual de enfermagem. . Brasília: ministério da saúde, 2008, (Serie A, Normas e Manuais Técnicos). 48p. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/dengue_manual_enfermagem_adulto_crianca.pdf.
BRASIL, M.S. Envelhecimento e a saúde da pessoa idosa. Brasília: ministério da saúde, 2006, (caderno de atenção 19). 92p. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd19.pdf.
BRASIL, M.S. Saúde da Criança: nutrição infantil. Brasília: ministério da saúde, 2009, (caderno de atenção 21). 92p. Disponível em: http://dab.sau.gov.br/imgs/publicacoes/cadernos_ab/abcd23.jpg.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

Ementa: Método científico. Tipos de pesquisa (qualitativa e quantitativa). Bioestatística. Pesquisa bibliográfica. Projeto de pesquisa, relatório de pesquisa. Comitê de ética em pesquisa em seres humanos. Artigo científico.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, M.C. Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas. Campinas: Papirus, 2010.
GONSALVES, E.P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. São Paulo: Alínea, 2007.
MARCONI, A.M.; LAKATUS, E.M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia complementar:

- KOCHE, J.C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2009.
- RUDIO, F.V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RUIZ, J.A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 2006.
- CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- MATTAR, J. Metodologia científica na era da informática. São Paulo: Saraiva, 2008.

ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM ENFERMAGEM I

Ementa: Estágio curricular obrigatório em unidades hospitalares e na rede básica de serviços de saúde. Planejamento, execução e avaliação da assistência de enfermagem a indivíduos, famílias e comunidade, observando os princípios e pressupostos do SUS. Prática gerencial em enfermagem.

Bibliografia Básica:

- CAMPOS, G.W.S. Tratado de Saúde Coletiva. 2.ed. São Paulo: FIOCRUZ, 2009. 871p.
- SMELTZER, S. C.; BARE, B. G.; HINKLE, J. L.; CHEEVER, K.H. Brunner & Suddart Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- NANDA – North American Nursing Diagnosis Association – Diagnóstico de Enfermagem da NANDA: definições e classificações 2009-2010. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Bibliografia Complementar:

- DOCHTERMAN JMC, BULECHEK GM. Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC). Trad. Regina Machado Garcez. 4. Ed.. Porto Alegre. Editora Artmed. 2008.
- FOCACCIA, R; VERONESI, R. Tratado de Infectologia – 2 volumes, 3. ed. Atheneu. 2006.
- MOORHEAD S, JOHNSON M, MAAS M. Classificação dos resultados de enfermagem (NOC). Trad Marta Avena. 3. ed. Porto Alegre. Editora Artmed. 2008.
- NETTINA, S.M. Prática de Enfermagem. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- POSSO, M.B.S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2006.
- SOBECC. Práticas recomendadas sobecc. 5. ed. São Paulo: SOBECC, 2009.
- BRASIL, MS. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília, 2009. (Serie A, Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.
- BRASIL, MS. Vigilância em Saúde no SUS: fortalecendo a capacidade de resposta aos velhos e novos desafios. Brasília, 2006. (Serie B, Textos básicos de saúde). Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.
- BRASIL, MS. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília, 2009. (Serie A, Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.

ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM ENFERMAGEM II

Ementa: Estágio curricular obrigatório em unidades hospitalares e na rede básica de serviços de saúde. Planejamento, execução e avaliação da assistência de enfermagem a indivíduos, famílias e comunidade, observando os princípios e pressupostos do SUS. Prática gerencial em enfermagem.

Bibliografia Básica:

- CAMPOS, G.W.S. Tratado de Saúde Coletiva. 2.ed. São Paulo: FIOCRUZ, 2009. 871p.
- SMELTZER, S. C.; BARE, B. G.; HINKLE, J. L.; CHEEVER, K.H. Brunner & Suddart Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- NANDA – North American Nursing Diagnosis Association – Diagnóstico de Enfermagem da NANDA: definições e classificações 2009-2010. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Bibliografia Complementar:

- DOCHTERMAN JMC, BULECHEK GM. Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC). Trad. Regina Machado Garcez. 4. Ed.. Porto Alegre. Editora Artmed. 2008.
- FOCACCIA, R; VERONESI, R. Tratado de Infectologia – 2 volumes, 3. ed. Atheneu. 2006.
- MOORHEAD S, JOHNSON M, MAAS M. Classificação dos resultados de enfermagem (NOC). Trad Marta Avena. 3. ed. Porto Alegre. Editora Artmed. 2008.
- NETTINA, S.M. Prática de Enfermagem. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- POSSO, M.B.S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2006.
- SOBECC. Práticas recomendadas sobecc. 5. ed. São Paulo: SOBECC, 2009.
- BRASIL, MS. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília, 2009. (Serie A, Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.
- BRASIL, MS. Vigilância em Saúde no SUS: fortalecendo a capacidade de resposta aos velhos e novos desafios. Brasília, 2006. (Serie B, Textos básicos de saúde). Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.
- BRASIL, MS. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília, 2009. (Serie A, Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: www.saude.gov.br/bvs.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Ementa: Comunicação oral e escrita de um trabalho científico. Apresentação do projeto do Trabalho de

Conclusão de Curso.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, M.C. Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas. Campinas: Papyrus, 2010.
GONSALVES, E. P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. São Paulo: Alinea, 2007.
MARCONI, A.M.; LAKATUS, E.M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia complementar:

KOCHE, J.C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2009.
RUDIO, F.V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2007.
RUIZ, J.A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 2006.
CERVO, A. L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
MATTAR, J. Metodologia científica na era da informática. São Paulo: Saraiva, 2008.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Ementa: Comunicação oral e escrita de um trabalho científico. Apresentação do projeto do Trabalho de Conclusão de Curso.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, M.C. Construindo o saber: metodologia científica, fundamentos e técnicas. Campinas: Papyrus, 2010.
GONSALVES, E.P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. São Paulo: Alinea, 2007.
MARCONI, A.M.; LAKATUS, E.M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia complementar:

KOCHE, J.C. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2009.
RUDIO, F.V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes, 2007.
RUIZ, J.A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 2006.
CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
MATTAR, J. Metodologia científica na era da informática. São Paulo: Saraiva, 2008.

LIBRAS

Ementa: Introdução: aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. A Língua de Sinais Brasileira - Libras: características básicas da fonologia. Noções básicas de léxico, de morfologia e de sintaxe com apoio de recursos áudio-visuais; Noções de variação. Praticar Libras: desenvolver a expressão visual-espacial.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Educação. Língua Brasileira de Sinais. Brasília: SEESP/MEC, 1998.
BRITO, L. F. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
COUTINHO, D. LIBRAS e Língua Portuguesa: Semelhanças e diferenças. João Pessoa: Arpoador, 2000.

Bibliografia complementar:

FELIPE, T. A. Libras em contexto. Brasília Editor: MEC/SEESP, 2007.
LABORIT, E. O Vôo da Gaivota. Paris: Copyright Éditions, 1994.
QUADROS, R. M. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
SACKS, O. W. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
SKLIAR, C. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
STRNADOVÁ, V. Como é ser surdo. São Paulo: Babel, 2000.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO IDOSO

Ementa: Discussão sobre a Política Nacional de Saúde do Idoso. Processo do envelhecimento. Abordagem sobre o idoso e a família. Noções básicas das doenças degenerativas e crônicas do sistema cardiocirculatório, respiratório, neuropsiquiátrico, digestivo e ósteo-articular. Cuidados adequados para garantir a qualidade de vida do idoso com incapacidade ou não, em situações cotidianas ou de emergência. Maus tratos e violência contra o idoso.

Bibliografia Básica:

FREITAS, E.V; PY, L. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 2 ed. EGK, 2011. 1632p.
SILVA, J.V. Saúde do Idoso - Enfermagem - Processo de Envelhecimento sob Múltiplos Aspectos. Nacional: Iatraca. 2009.
BRASIL, M.S. Envelhecimento e a saúde da pessoa idosa. Brasília: ministério da saúde, 2006, (caderno de atenção 19). 92p. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd19.pdf.

Bibliografia Complementar:

ROACH, S. Introdução à enfermagem gerontológica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 372p.
TONINI, T; FIGUEIREDO, N.M.A. Gerontologia, a atuação de enfermagem no processo de envelhecimento. Yendis, 2006. 384p.

MORAES, E.N. Incapacidade cognitiva: abordagem diagnóstica e terapêutica das demências no idoso. 2.ed.

Editora Folium, 2010. 117p.

ADELMAN, A.M; DALY, M.P. Geriatria. Editora revinter, 2004. 392p.

DOMINGUES, M.A; LEMOS, N.D. Gerontologia: os desafios nos diversos cenários da atenção. Editora manole, 2010. 616p.

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES

Ementa: Abordagem histórica do processo saúde-doença, paradigma biomédico, paradigma holístico, anatomia energética sutil, medicina tradicional chinesa, toque terapêutico, massagem oriental, musicoterapia, relaxamento, meditação, essências florais, homeopatia, fitoterapia, política nacional de práticas integrativas e complementares.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasília, 2006. Disponível em:<www.saude.gov.br>.

GERBER, R. Um guia prático de medicina vibracional. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

KRIEGER, D. O toque terapêutico: versão moderna da antiga técnica de imposição de mãos. São Paulo: Cultrix, 1995.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, J. T. de; COSTA, L. F. A. da. Medicina complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da antropologia médica. Saúde Soc., São Paulo, v. 19, n.3, p.497-508, 2010. Disponível em:<www.scielo.br>.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN-197/1997. Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem. Rio de Janeiro; 1997. Disponível em: <http://www.portalcofen.gov.br/Site/2007/materias.asp?ArticleID=7041§ionID=34>.

MARTA, I.E.R. et al. Efetividade do toque terapêutico sobre a dor, depressão e sono em pacientes com dor crônica: ensaio clínico. Rev. Esc. Enferm. USP, São Paulo, v. 44, n.4, p. 1100-1106, 2010. Disponível em:<www.scielo.br>.

NEVES, L. C. P.; SELLI, L.; JUNGES, R. A integralidade na terapia floral e a viabilidade de sua inserção no Sistema Único de Saúde. O Mundo da Saúde, São Paulo, v.34, n.1, p.57-64, 2010. Disponível em:<www.bvs.br>.

NORTH American Nursing Association. Diagnóstico de enfermagem da NANDA: definições e classificação 2009-2011. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM DROGADIÇÃO

Ementa: Neurobiologia da dependência química. Fatores etiológicos, sociais, familiares, genéticos e pessoais relacionados à dependência química. Construção da historia clinica na dependência química. Diagnósticos, resultados e intervenções de enfermagem para o uso de substância psicoativa. Motivação, entrevista motivacional e prevenção da recaída. Dependência química na adolescência. Dependência química na mulher e no idoso. Grupos de auto-ajuda no tratamento da dependência química. Terapia comunitária e dependência química. Visita domiciliar e dependência química. Consultório de rua para dependentes químicos. Redução de danos. Prevenção ao abuso de álcool e outras drogas. Uso de drogas e sistema penal. Saúde mental dos profissionais que trabalham com dependência química.

Bibliografia Básica:

GRECO FILHO, V. Tóxicos: prevenção – repressão. São Paulo: Saraiva, 2009.

OGA, S. Fundamentos de Toxicologia. 3ª Ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2008.

FIGLIE, N.B. Aconselhamento em dependência química. 2ª Ed. São Paulo: Roca, 2010.

STEFANELLI, M.C. Enfermagem Psiquiátrica em suas dimensões assistenciais. São Paulo: Manole, 2008.

Bibliografia Complementar:

SILVA, G.L. Drogas: políticas e práticas. São Paulo: Roca, 2010.

SEIBEL, S.D. Dependência de drogas. 2ª Ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2010.

WEIGERT, M.A.B. Uso de drogas e sistema penal: entre o proibicionismo e a redução de danos. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Juris, 2010.

SANTOS, R.M.S. Prevenção de drogas na escola: uma abordagem psicodramática. 4ª Ed. Campinas – SP: Papirus Editora, 2004.

CLARK, A.G. Afaste-os das drogas com jogos criativos. São Paulo: Paulinas, 2007.

IORE, M.. Uso de drogas: controvérsias médicas e debate público. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2006.

ÉTICA EM PESQUISA

Ementa: Importância social da pesquisa. Evolução histórica da ética em pesquisa. Direitos do ser humano na pesquisa. Ética na pesquisa com seres humanos. Ética na pesquisa com animais experimentais. Ética ambiental. Conflitos de interesse Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e Conselhos de Ética em Pesquisa. Má conduta em pesquisa. Direitos autorais. Plágio.

Bibliografia Básica:

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA. Cadernos de Ética em Pesquisa. CONEP: Ano 1, nº 1, Julho de 1998.

LODI, L.H. (Org). Módulo I – Ética. In: Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Ministério da Educação, SEIF, SEMTEC, SEED, 2003. Disponível em: http://www.oei.es/quipu/brasil/ec_etica.pdf.

Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/1996. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/conselho/resol96/RES19696.htm>.

Bibliografia Complementar:

Código de Nuremberg. Disponível em: <http://www4.ensp.fiocruz.br/etica/docs/artigos/Nurembg.pdf>.

FURUKAWA, P.O.; CUNHA, I.C.K.O. Comitês de Ética em Pesquisa: desafios na submissão e avaliação de projetos científicos. Revista Brasileira Enfermagem. V. 63, n 1, p. 145-147, 2010.

LISBOA, M.T.L. Ética na pesquisa de enfermagem. Revista Enfermagem Anna Nery. V10, n. 1, p:9-14, abr. 2006.

PAIVA, V.L.M.O. Reflexões sobre ética na pesquisa. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte. Vo. 5, n.1. p.43-61, 2005.

JUNIOR, K.F. Pesquisa saúde. Ética, bioética e legislação. 2ª ed. Goiânia: AB Editora, 2003.

ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS EM ENFERMAGEM

Ementa: Assistência de enfermagem às Necessidades Humanas de terapêutica medicamentosa. Instrumentalização para intervenções de enfermagem para a realização de medicação. Princípios de terapêutica medicamentosa e cálculos de dosagens de medicação. Medicação oral, nasal, ocular, auricular, anal, inalatória e tópica. Técnicas de administração de medicação Abordagem prática da administração de medicações parenterais. Medicação intradérmica, subcutânea, intramuscular e intravenosa. Técnica de punção venosa periférica.

Bibliografia Básica:

GIOVANI, A. M. M. Enfermagem, cálculo e administração de medicamentos. 14ª ed. São Paulo: Editora Rideel, 2012.

GOLDENZWAIG, N. R. S. C. Administração de medicamentos na Enfermagem. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

SILVA, M. T.; TARDELLI, S. R. Cálculo e administração de medicamentos na enfermagem. 3ª ed. São Paulo: Martinari, 2011.

Bibliografia Complementar:

CASSIANI, S. H. B. et al. Desenvolvimento de um curso on-line sobre o tema administração de medicamentos. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 37, n. 3, set. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 16: jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342003000300006>.

ROSA, M. B.; PERINI, E. Erros de medicação: quem foi?. Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v. 49, n. 3, set. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302003000300041&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302003000300041>.

CASSIANI, S. H. B. et al. Aspectos gerais e número de etapas do sistema de medicação de quatro hospitais brasileiros. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 12, n. 5, out. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692004000500012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 jan. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692004000500012>.

SMELTZER, S. C.; BARE, B. G. Bruner & Suddarth - Tratado de enfermagem médico- cirúrgica. Tradução: José Eduardo Ferreira de Figueiredo. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 11. ed. 2008.

GIOVANI, A. M. M. Enfermagem: Cálculo e administração de medicamentos. 4ª ed. São Paulo: Legnar Informática & Editora Ltda, 2009.

POSSIBILIDADES PARA A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Ementa: Conceitos e histórico e aspectos legais da Sistematização da Assistência de Enfermagem. Tipos de Sistematização da Assistência de Enfermagem vigentes no cenário brasileiro. Processo de Enfermagem. Elaboração de roteiros de coleta de dados utilizando modelos teóricos em enfermagem. Raciocínio diagnóstico. Diagnóstico de enfermagem. Intervenções de Enfermagem. Avaliação de Enfermagem. Taxonomias em Enfermagem.

Bibliografia Básica:

NANDA-Internacional. Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificação 2012-2014. Tradução: Regina Machado Garcez. Revisão técnica: Alba Lucia Bottura Leite de Barros, et al. Ed. Artmed, Porto Alegre. 2013.

SMELTZER, S. C.; BARE, B. G. Bruner & Suddarth - Tratado de enfermagem médico- cirúrgica. Tradução: José Eduardo Ferreira de Figueiredo. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 11. ed. 2008.

TANURRE, M. C.; GONÇALVES, A. M. P. SAE: Sistematização da assistência de enfermagem. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2010.

Bibliografia Complementar:

ALTINO, D. M. et al. CIPESC® Curitiba: o trabalho da Enfermagem no Bairro Novo. Rev Bras Enferm 2006 jul-ago; 59(4): 502-8.

BAVARESCO, T.; LUCENA, A. F. Intervenções da Classificação de Enfermagem NIC validadas para pacientes em risco de úlceras por pressão. Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2012, nov.-dez.;20(6):[8 telas].

CUBAS, M. R.; SILVA, S. H, ROSSO, M. Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem (CIPE®): uma revisão de literatura. Rev. Eletr. Enf. [Internet], 2010;12(1):186-94. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n1/v12n1a23.htm>.

POKORSKI, S. et al. Processo de enfermagem: da literatura à prática. O quê de fato nós estamos fazendo? Revista Latino-Americana de Enfermagem. Vol. 17,nº 3, p. 302-307, 2009.

VARGAS, R. S. ; FRANÇA, F. C. V. Processo de enfermagem aplicado a um portador de Cirrose Hepática utilizando as terminologias padronizadas NANDA, NIC e NOC. Revista Brasileira de Enfermagem. Vol. 60, nº 3, p. 348-352, 2007.

ENFERMAGEM DO TRABALHO

Ementa: Processo saúde-trabalho-doença e o papel do enfermeiro do trabalho como articulador da prevenção, promoção e proteção da saúde; equipe de saúde ocupacional e seus determinantes. Normas Regulamentadoras, seu papel na proteção à saúde dos trabalhadores e a inserção do enfermeiro do trabalho.

Bibliografia Básica:

REIS, R. S. Segurança e medicina do trabalho: normas regulamentadoras. São Caetano do Sul (SP): Yendis; 2008.

MORAES, M. V. G. Sistematização da assistência de enfermagem em saúde do trabalhador: instrumentos para coleta de dados direcionada aos exames ocupacionais da NR7 e à exposição aos agentes ambientais. São Paulo: Iatria; 2008.

CARVALHO, G. M. Enfermagem do trabalho. São Paulo: EPU; 2001.

DALRI, R. C. M. B.; ROBAZZI, M. L. C. C.; SILVA, L. A. Riscos ocupacionais e alterações de saúde entre trabalhadores de enfermagem brasileiros de unidades de urgência e emergência. Cienc enferm. 2010; 16(2):69-81.

LUNNARDI, F. Prazer e sofrimento no trabalho: contribuições à organização do processo do trabalho da enfermagem. RevBras Enferm.v.50, pag.77-92, 1997.

FELLI, E. A.; TRONCHIN, M. R. A qualidade de vida no trabalho e a saúde do trabalhador de enfermagem. In: KURCGANT, P. (coord) Gerenciamento de Enfermagem. 2º ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

GESTÃO DE PESSOAS NA EQUIPE DE ENFERMAGEM E ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Ementa: Gestão de pessoas - Conceitos e aplicabilidade, instrumentos de gestão, formação do enfermeiro para a gestão de pessoas, Dimensionamento de pessoal, liderança, trabalho em equipe, gestão de conflitos, relação interpessoal no trabalho, administração do tempo nas atividades dos serviços de saúde.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, C. A Tríade do tempo. Rio de Janeiro : Sextante,2011. BARBOSA,C. Estratégias práticas para ganhar mais tempo. Rio de Janeiro : Sextante,2013.

KURCGANT, P Gerenciamento em Enfermagem, São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.

MARQUIS, B L e HUSTON, C J – Administração e Liderança em enfermagem – 6ª ed. Porto Alegre, Ed Artmed , 2010.

HARADA, M. J. C. S.(org) Gestão em enfermagem : ferramenta para prática segura.São Caetano do Sul: Yendis, 2011. BENITO, G.A.V. Competências gerenciais na formação do Enfermeiro Revista Brasileira de Enfermagem 2010, jan-fev,63 (1) 917.

Bibliografia Complementar:

CHIAVENATO,I. Gestão de Pessoas. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

CAMPOS, L. F.; MELO, M. R. A. C. Visão de coordenadores de enfermagem sobre dimensionamento de pessoal de enfermagem: conceito, finalidade e utilização. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2007, vol.15, n.6, pp. 1099-1104. ISSN 0104-1169.

FERNANDES, M. C et al. Análise da atuação do enfermeiro na gerência de Unidades Básicas de Saúde.Rev Bras Enferm, Brasília 2010 jan-fev; 63(1): 11-5.

MAGALHÃES, M.M.et al Planejamento de recursos humanos de enfermagem: desafio para as lideranças. Rev Bras Enferm, Brasília 2009 jul-ago; 62(4): 608-12.

PASSOS, J. P. CIOSAK, S. I. A concepção dos enfermeiros no processo gerencial em Unidade Básica de Saúde. Rev. esc. enferm. USP [online]. 2006, vol.40, n.4, pp. 464-468. ISSN 0080- 6234. SHILENGER, S.; ROESCH, R. Organiza-se.São Paulo: Harbra,1992.

PRONTUÁRIO E REGISTRO DE ENFERMAGEM

Ementa: Importância do prontuário e do registro de enfermagem para a saúde, para o profissional de Enfermagem e seus clientes. Responsabilidade e aspectos legais que envolvem o registro de enfermagem.

Bibliografia básica:

POTTER, Patrícia A.; PERRY, Anne G. Grande tratado de Enfermagem Prática. São Paulo: Editora Santos, 2002.
SMELTZER, S.C. et al. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara KOOGAN, 9 ed., vol.1, 2004.
BRASIL. Ministério da Saúde. A Construção da Política Nacional de Informação e Informática em Saúde. Brasília, 2003. Disponível em: www2.datasus.gov.br/.../PoliticaInformacaoSaude1_3_27Nov2003.pdf.
COREN-SP. Anotações de Enfermagem. 2010. Disponível em: http://www.sobecc.org.br/programacao/coren/anotacoes_enfermagem.pdf.
GONÇALVES, V.L.M. Anotação de Enfermagem. In: CIANCIARULLO, T. I. et al (Orgs.) Sistema de assistência de enfermagem: evolução e tendências. São Paulo: Ícone, 2001.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Regulação em Saúde / Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília: CONASS, 2011.
_____. Lei Orgânica da Saúde n. 8.080, 19 set. 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.
DOCHTERMAN JMC, BULECHEK GM. Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC). Trad. Regina Machado Garcez. 4. Ed.. Porto Alegre. Editora Artmed. 2008.
FOCACCIA, R; VERONESI, R. Tratado de Infectologia – 2 volumes, 3. ed. Atheneu. 2006.
MOORHEAD S, JOHNSON M, MAAS M. Classificação dos resultados de enfermagem (NOC). Trad Marta Avena. 3. ed. Porto Alegre. Editora Artmed. 2008.

INFECÇÕES ASSOCIADAS AOS CUIDADOS DE SAÚDE NA PERSPECTIVA DE BACTÉRIAS MULTIRRESISTENTES

Ementa: Epidemiologia dos micro-organismos multirresistentes. Principais mecanismos de resistência bacteriana. Infecções associada aos cuidados de saúde. Fatores de riscos associados. Ações sistematizadas de enfermagem na perspectiva de micro-organismos multidrogasresistentes. Antimicrobianos e antibióticos.

Bibliografia Básica:

TAVARES, W. Antibióticos e quimioterápicos para o clínico. São Paulo: ATHENEU, 2009.
PERCIVAL, S; CUTTING, H. Microbiology of wound. CRC Press, United States of America, NY: 2010.
OLIVEIRA, A. C.; CIOSAK, S. I. Infecção de sítio cirúrgico em hospital universitário: vigilância pós-alta e fatores de risco. Rev. Esc. Enferm. USP, v. 41, n. 2, p. 258-263, 2007.

Bibliografia Complementar:

ADALETI, R. et al. Prevalence of phenotypic resistance of Staphylococcus aureus isolates to macrolide, lincosamide, streptogramin B, ketolid and linezolid antibiotics in Turkey. Braz J Infect Dis, v. 14, n. 1, p. 11-14, 2010.
AMORIM, D. M. R. et al. Resistência induzível à clindamicina entre isolados clínicos de Staphylococcus aureus. O mundo da Saúde, v. 33, n. 4, p. 401-405, 2009.
KEIM, L. S. et al. Prevalence, aetiology and antibiotic resistance profiles of coagulase negative Staphylococcus isolated in a teaching hospital. Brazilian Journal of Microbiology, v. 42, p. 248-255, 2011.
ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. Ministério da Saúde. Agencia Nacional de Vigilância Sanitária. Segundo desafio global para a segurança do paciente: Cirurgias seguras salvam vidas. Rio de Janeiro, 2009.
RIBEIRO, J. C. et al. Ocorrência e fatores de risco para infecção de sítio cirúrgico em cirurgias ortopédicas. Acta Paul. Enferm., v. 26, n. 4, p. 353-9, 2013.

PLANEJAMENTO E AUDITORIA EM SAÚDE COLETIVA

Ementa: estuda conceitos e tecnologias apropriadas para o planejamento das ações em saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), e em Unidades Particulares, bem como às estratégias de implementação. Avalia o impacto das ações e programas implantado a partir dos indicadores, de gerenciamento sociais econômicos e culturais. Propondo manutenção e ou mudanças destes indicadores, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Bibliografia Básica:

CAMPOS, G.W.S. Tratado de Saúde Coletiva. 2.ed. São Paulo: FIOCRUZ, 2009. 871p.
CHIAVENATO. Introdução à Teoria Geral da Administração. 3ed revisada e atualizada, Ed. Campus, Rio de Janeiro: Elsevier, 20.
DUCAN, B. B. SCHMIDT, M. I. GIULIANI, E. R. J. Medicina Ambulatorial: Conduas de Atenção Primária. 2013.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, J. et al. Política e Planejamento Ambiental. 3 ed. Rio de Janeiro: Thex, 2006. 457p.
GIOVANELLA, L. et al. Políticas e sistema e saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.
KURCGANT, P. Gerenciamento em Enfermagem, São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.
MARQUIS, B L E HUSTON, C J – Administração e Liderança em Enfermagem. 6ª ED. PORTO ALEGRE, ED ARTMED, 2010.
PEREIRA, M.G. Epidemiologia teoria e prática. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
SEBOLD, F.L. Auditoria em Enfermagem. 1. ed. São Paulo: Difusão Paulista de Enfermagem. 2009. 128p.

A SEGURANÇA DO PACIENTE NO AMBIENTE HOSPITALAR

Ementa: O ambiente e a transmissão de infecções relacionadas à assistência à saúde – IrAS. Precauções e isolamentos. Procedimentos fiscais básicos do grupo de auditores fiscais em estabelecimento de saúde. Gestão de risco e qualidade na assistência a saúde. Erros de procedimentos de trabalho da equipe de enfermagem. Atitudes seguras no atendimento ao paciente. Gerenciamento de resíduos. A segurança para o paciente de acordo com a legislação vigente: protocolos de prevenção de quedas, segurança de prescrição, identificação do paciente, prática de higiene das mãos, cirurgias seguras e prevenção de úlceras por pressão.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC036, de 25 de julho de 2013. Institui ações para a segurança do paciente em serviços de saúde e dá outras providências. D.O.U. no 143 de 26 de julho de 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica. Série A. Normas e Manuais Técnicos. 8ª Ed. Brasília, 2010. 816p. Disponível:< <http://www.saude.gov.br/svs>>.

FOCACCIA, R; VERONESI, R. Tratado de Infectologia – 2 volumes, 4ª ed ver e atual. São Paulo. Ed. Atheneu. 2009.

Bibliografia Complementar:

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Segundo desafio global para a segurança do paciente: Cirurgias seguras salvam vidas (orientações para cirurgia segura da OMS) / Organização Mundial da Saúde; tradução de Marcela Sanchez Nilo e Irma Angélica Duran – Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 1ª edição, 216p, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Série Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde. Assistência Segura: Uma Reflexão Teórica Aplicada à Prática. Brasília. 1ª edição. 170p. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Série Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde. Critérios Diagnósticos de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde Brasília. 1ª edição. 84 p. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Série Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde. Medidas de Prevenção de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde. Brasília. 1ª edição. 92p. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Série Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde. Investigação de Eventos Adversos em Serviços de Saúde. 1ª edição. 70p. 2013.

EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE

Ementa: Abordar as principais concepções sobre a educação em saúde; discutir as propostas pedagógicas libertadoras, enfatizando a dimensão pedagógica do trabalho em saúde; apresentar os instrumentos para operacionalização das ações de educação em saúde individuais e coletivas tomando como eixo educação permanente na perspectiva da consolidação do SUS.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 set. 1990.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/ 96 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: 1996. 9p.

_____. Coordenação Geral da Política de Recursos Humanos. Política de Recursos Humanos para o SUS: balanço e perspectivas. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Geral da Política de Recursos Humanos. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2002. p.31.

_____. Ministério da Saúde. Portaria Nº 198/GM, de 13 de fevereiro de 2004. Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde como estratégia do Sistema Único de Saúde para a formação e o desenvolvimento de trabalhadores para o setor e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 fev. 2004a. Seção 1, p.37.

Bibliografia Complementar:

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.996/GM, de 20 de agosto de 2007. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da política nacional de educação permanente em saúde e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 ago. 2007. Seção 1, p. 34.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Série Pactos pela Saúde 2006, v. 9. Brasília: 2009. 64 p.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. O quadrilátero da formação para a área de saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 41-65, 2004.

CECCIM, R. B. FERLA, A.A. Educação Permanente em Saúde.In: ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDEJOAQUIMVENÂNCIO (Org.).Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2006. p. 107-112.

MATTOS R.A. Os sentidos da integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos. In: Pinheiro R, Mattos RA, organizadores. Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ABRASCO, 2001, p. 39-64.

MONTANHA, D.; PEDUZZI, M. Educação permanente em enfermagem: levantamento de necessidades e resultados esperados segundo a concepção dos trabalhadores. Revista da Escola de Enfermagem da USP. São Paulo, v. 44, n. 3, set. 2010.

AÇÕES DE ENFERMAGEM NO PROGRAMA NACIONAL DE IMUNIZAÇÃO

Ementa: Histórico do Programa Nacional de Imunização. Indução da Resposta Imune à Vacina. Calendário vacinal: criança, adolescente, gestante, adulto e idoso. Tratamento antirrábico Humano, Rede de Frio. Eventos Adversos Pós-vacinal. Centro de Referência em Imunobiológicos Especiais. Estudos de Novas vacinas. Atuação do enfermeiro no Programa Nacional de Imunização.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de Rede de Frio. 3. ed. Brasília: 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de vigilância epidemiológica de eventos adversos pós- vacinação. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

SECRETARIA Municipal de Saúde de Goiânia, Divisão de Imunização. Manual de Sala de Vacina. Goiânia: 2013.

Bibliografia Complementar

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual dos Centros de Referência para Imunobiológicos Especiais. Ministério da Saúde / Departamento de Vigilância Epidemiológica – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de vigilância epidemiológica / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância. Epidemiológica. – 7. ed. Brasília : Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Nota Técnica n. 89 - Ampliação da oferta da vacina hepatite B para faixa etária de 20 a 24 anos de idade em 2011 e de 25 a 29 anos de idade. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde.

BRASIL. Nota Técnica n. 02/2013 - Ampliação da oferta da vacina hepatite B para faixa etária de 30 a 49 anos de idade em 2013. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde.

BRASIL. Nota Técnica n. 01/2013 – Alteração da Idade para Administração das Vacinas Tríplice Viral e Rotavírus Humano. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde.

BRASIL. Nota Técnica n. 33/2013 – Recomendação para administração simultânea das vacinas – Febre Amarela, Pneumocócica 10 valente e Sarampo, Caxumba e Rubéola. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde.

8 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Com o objetivo de qualificar melhor o discente, o curso de enfermagem contempla atividades complementares com o aproveitamento conhecimentos adquiridos mediante estudos e práticas independentes, presenciais e/ou à distância dentre elas monitorias, estágios extracurriculares, programas de iniciação científica, programas de extensão, participação em cursos e eventos científicos.

As atividades complementares serão divididas em três grandes grupos:

- 1 Atividades relacionadas à pesquisa. Entende-se como ‘atividades relacionadas à pesquisa’ aquelas que impliquem em participação de projetos de pesquisa regularmente registrados junto à PRPPG;
- 2 Atividades relacionadas à extensão. Entendem-se como atividades relacionadas à extensão: aquelas que impliquem em participação em eventos artísticos e culturais, conferências, seminários, palestras, congressos e debates como ouvintes e/ou aquelas que impliquem em participação em projetos de extensão, em geral, como elemento passivo (ouvinte ou aluno);
- 3 Atividades relacionadas a estágio não remunerado. Entende-se como atividades relacionadas a estágio não remunerado:
 - 3.1 Aquelas que impliquem em atividades tais como monitorias não remuneradas (devidamente registradas junto à coordenação do curso responsável pela monitoria) atividade de monitoria deve estar, obrigatoriamente, vinculada a alguma disciplina de responsabilidade de professores do Campus Jataí;

3.2 Aquelas que impliquem em atividades tais como estágio em empresas (devidamente registrados junto à UFG). Um orientador de estágio deve acompanhar, auxiliar e fiscalizar as atividades de estágio do(a) aluno(a), conforme normas regulamentadores da UFG.

A validação da carga horária efetiva será feita por meio da apresentação de documentação comprobatória, assinada, reconhecida e timbrada, junto à Coordenação do Curso de Enfermagem.

As atividades de pesquisa serão comprovadas por meio de declaração do orientador e cópia do projeto de pesquisa e relatório final desenvolvido pelo aluno.

As atividades de extensão serão comprovadas por meio de certificados de participação devidamente assinados, timbrados e reconhecidos.

As atividades de estágio curricular não obrigatório serão comprovadas por documentação que comprove o registro, junto à UFG, da atividade desenvolvida e por declaração do orientador de estágio do (a) aluno (a).

As atividades desempenhadas em estágio curricular obrigatório não poderão ser computadas cumulativamente como complementares.

Aos certificados que não apresentem carga horária descrita, considerar-se-á um máximo de 08 horas por dia de participação no evento.

A carga horária das atividades complementares totalizará um mínimo de cento e cinco (105) horas para efeito de integralização curricular.

A Coordenação do Curso de Enfermagem definirá os critérios para a validação das atividades complementares, bem como computará e registrará aquelas que forem validadas.

9 POLÍTICA E GESTÃO DO ESTÁGIO

9.1 Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Enfermagem

A UFG compreende o estágio curricular obrigatório como uma atividade privilegiada de diálogo crítico com a realidade que favorece a articulação do ensino com pesquisa e extensão, configurando um espaço formativo do estudante.

Por se tratar de uma atividade fundamental para a formação, o estágio curricular obrigatório é desenvolvido sob a orientação de um professor do curso, com o acompanhamento do coordenador de estágios e a colaboração de profissionais qualificados no campo de atuação de cada área de conhecimento.

Neste contexto, o curso de Enfermagem da UFG, Regional Jataí, segue as orientações das Diretrizes Curriculares do Curso de Enfermagem aprovadas pelo CNE/ CES Nº 3, de 7 de Novembro de 2001. Estas diretrizes determinam que a formação do enfermeiro tenha por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício de competências e habilidades específicas para atenção à saúde, comunicação, tomada de decisões, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente. Para isso, além dos conteúdos teóricos e práticos desenvolvidos ao longo de sua formação, ficam os cursos obrigados a incluir no currículo o estágio curricular obrigatório em hospitais gerais e especializados, ambulatórios, rede básica de serviços de saúde e comunidade. A parceria com os locais de estágio será estabelecida através de convênios firmados entre a UFG e as instituições de saúde.

O estágio curricular será supervisionado por docentes do curso, assegurada também a efetiva participação dos enfermeiros do serviço de saúde onde se desenvolverá o mesmo.

Além do estágio curricular obrigatório, tendo em vista que as diretrizes curriculares do curso de graduação em enfermagem, que determinam a formação integral crítica e reflexiva, a qualificação técnico – científica, a interdisciplinaridade, a intersectorialidade, a articulação ensino e serviço e a diversificação de cenários de prática, o curso de enfermagem deve inserir os acadêmicos na prática ao longo de todo o curso, por meio das visitas técnicas e de atividades práticas em hospitais gerais e especializados, ambulatórios, rede de atenção básica de serviços de saúde e comunidade.

9.2 Atividades de Ensino Práticas

Compreende-se como atividades de ensino práticas, a inserção do acadêmico em atividades práticas de enfermagem, com o objetivo de observar a realidade e realizar levantamento de situações, teorizar, implementar e avaliar as ações sob a orientação e supervisão do professor da disciplina.

9.3 Estágio Curricular Obrigatório

Compreende-se como estágio curricular obrigatório, o estágio, onde são realizadas atividades de ensino-aprendizagem pelo aluno, sob supervisão e orientação do professor do curso de enfermagem e efetiva participação dos enfermeiros que atuam nos locais do estágio.

9.4 Estágio Curricular Não Obrigatório

De acordo com a lei 11.788/2008 compreende-se como estágio curricular não obrigatório aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória; podendo ser realizado a partir do 6º período, desde que o aluno tenha sido aprovado na disciplina Enfermagem Clínica.

Na realização do estágio curricular não obrigatório nos órgãos e entidades, serão observados os seguintes requisitos:

- I- O aluno deverá estar matriculado regularmente;
- II- Deverá ser celebrado um termo de compromisso entre o estudante, a parte concedente e instituição de ensino;
- III- As ações em caso de acidentes durante a realização do estágio curricular não obrigatório é de responsabilidade da instituição concedente;
- IV- As atividades de estágio curricular não obrigatório deverão ocorrer em horário em que não estão programadas atividades presenciais no curso;
- V- O estudante em estágio curricular não obrigatório deverá receber uma contrapartida financeira referente a prestação de serviço.

9.5 Visita Técnica

Compreende-se como visita técnica as visitas realizadas em hospitais gerais e especializados, ambulatórios, rede de atenção básica de serviços de saúde e comunidade, sob supervisão e orientação do professor do curso de Enfermagem com o intuito de observar a realidade e realizar levantamento de situações que servirão de subsídio para o processo de ensino aprendizagem.

O Regulamento de Estágio do Curso de Enfermagem da Regional Jataí, em sua totalidade, está disponibilizado na Coordenação.

10 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, no capítulo IV, Art. 43, afirma que é finalidade da educação superior, dentre outras, estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura; promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação.

Assim, entendendo que é função da Universidade a produção e divulgação do conhecimento, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) torna-se parte importante na formação acadêmica do graduando em Enfermagem. Ao finalizar o curso com a produção de obra científica, e divulgação do produto de seu trabalho, o graduando poderá contribuir para o aumento do saber em enfermagem e, conseqüentemente, com a possibilidade de melhorias na qualidade da prática de enfermagem, no contexto pesquisado.

Em atendimento às Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Enfermagem, que torna obrigatória a elaboração de um trabalho sob orientação docente para a conclusão do curso de graduação, o aluno do Curso de Enfermagem da UFG, Regional Jataí, desenvolverá um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em disciplinas específicas denominadas: Trabalho de Conclusão de Curso I, no 8º período e Trabalho de Conclusão de Curso II, no 10º período.

Abaixo, segue normas específicas para produção do TCC do Curso de Enfermagem:

- o TCC iniciará na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, no 8º período do curso de enfermagem, na qual deverá ser produzido um projeto de pesquisa que norteará o estudo a ser desenvolvido;
- o TCC deverá ser concluído durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, no 10º período do curso de enfermagem;
- o TCC poderá ser desenvolvido , preferencialmente em dupla ou trio de acordo com a disponibilidade de docentes orientadores;
- para elaboração do projeto de pesquisa e desenvolvimento deste, a dupla ou trio de alunos, deverá ter um orientador docente do curso de enfermagem, podendo ter um co-orientador, professor vinculado ao quadro de professores da UFG, Regional Jataí;
- o tema do estudo poderá ser de escolha dos alunos, desde que o assunto seja cientificamente relevante e aceito pelo professor orientador do TCC, respeitando a área de pesquisa do orientador;
- se o estudo envolver seres humanos ou animais como sujeitos, o projeto de pesquisa deverá, obrigatoriamente, ser apreciado e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Humana e Animal, antes de sua execução. Para tanto, os pesquisadores devem prever no cronograma da pesquisa, o período de envio e espera do parecer emitido pelo CEP ao qual o projeto foi encaminhado;
- o projeto de pesquisa do TCC, quando vinculado à pró-reitoria de pesquisa e inovação deverá ser entregue ao orientador que o submeterá à apreciação e aprovação em reunião de colegiado de curso e, posteriormente, à apreciação e aprovação do Conselho Diretor da UFG, Regional Jataí. O projeto de pesquisa do TCC, quando não vinculado à pró-reitoria de pesquisa e inovação, deverá ser entregue ao orientador que o submeterá à apreciação e aprovação do comitê de ética, quando pertinente. Casos omissos serão discutidos e decididos em reunião de colegiado de curso;
- o relatório final do TCC deverá ser redigido em formato de artigo científico, e deverá obedecer às normas técnicas e científicas exigidas para publicação, sendo pré-condição para certificação. Ainda, deverá ser entregue ao docente da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, impresso, em quatro vias, em data a ser determinada e divulgada previamente pelo docente da disciplina;

- a composição da banca examinadora será decidida pelo aluno e orientador. A organização da defesa será responsabilidade do docente da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II;
- a avaliação final do TCC deverá ser realizada por banca examinadora formada por, no mínimo, três professores; sendo a presidência da banca composta pelo professor orientador;
- será aprovado na disciplina de Trabalho de Conclusão I e Trabalho de Conclusão II os alunos que obtiverem média final igual ou superior aquela definida pelo RGCG, além da frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária total de cada disciplina;
- para cálculo da média final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I será considerada a nota do projeto de pesquisa; da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II será considerada a nota do artigo concluído, atribuída pela banca examinadora.

11 SISTEMA DE AVALIAÇÃO

11.1 Avaliação do Processo de Ensino Aprendizagem

A avaliação do ensino e aprendizagem dos discentes do Curso de Enfermagem da UFG, Campus Jataí é realizada de acordo com o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG), Capítulo IV, seção I, II, e III (Resolução CONSUNI nº 06/2002).

A educação deve ser compreendida como a vivência de experiências múltiplas com o objetivo do desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social. Neste sentido o acadêmico deve ser visto como ser ativo, dinâmico que participa da construção do seu próprio conhecimento (HAIDT, 2004).

Neste contexto a avaliação no processo de ensino e aprendizagem assume o papel de orientadora, permitindo ao aluno ter consciência de seus avanços e suas dificuldades, favorecendo a construção efetiva do conhecimento (HAIDT, 2004).

Assim, a avaliação é um processo de coleta e análise de dados tendo em vista verificar se os objetivos propostos foram alcançados. A avaliação do discente está diretamente ligada ao trabalho do docente, uma vez, que ao avaliar o que o aluno conseguiu aprender está também avaliando o que o professor conseguiu ensinar.

Desta forma, a avaliação fornece ao professor indicações de como deve encaminhar e reorientar a sua prática pedagógica e como pode aperfeiçoá-la contribuindo assim para a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem.

A avaliação seguirá os propósitos de conhecer os alunos, ser contínua e sistemática ao longo de todo processo de ensino aprendizagem, favorecendo o replanejamento e aperfeiçoamento do processo. Para tanto, contemplam a avaliação formativa e somativa.

A avaliação formativa tem o propósito de informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem e localizar as deficiências na organização do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação somativa tem uma função classificatória segundo níveis de aproveitamento (PILETTE, 2004).

As técnicas utilizadas para a avaliação são determinadas pelos objetivos das disciplinas e, incluem, dentre outras, registro de observação de aula, auto-avaliação, avaliação oral, avaliação escrita, trabalho de pesquisa, atividades extraclasse, estudos dirigidos, atividades práticas e estudos em grupo.

As técnicas de avaliação selecionadas e os respectivos valores atribuídos pelos docentes devem ser especificados no plano de ensino de cada disciplina.

Será aprovado na disciplina o discente que obtiver média final igual ou superior aquela definida pelo RGCG e frequência igual ou superior a 75% da carga horária da disciplina.

11.2 Processo de Avaliação do Docente

A avaliação docente será realizada ao final de cada semestre com a aplicação de um “questionário de avaliação dos docentes pelos discentes”, referente a cada professor que ministrou disciplina no período, com o objetivo de atender as exigências do “Estágio Probatório” e “Progressão horizontal”, previstos nas Resoluções CONSUNI N.º 01/2001 e CONSUNI N.º 21/2009 da UFG. Além desta, o trabalho do docente é avaliado através do Relatório Anual Docente (RADO) e apreciado pelo Conselho Diretor da Unidade. Neste relatório estão descritas as atividades efetuadas pelo docente durante o ano letivo, incluindo: atividade em sala de aulas; de orientação; de pesquisa e extensão; atividades administrativas; assim como a produção intelectual; de qualificação e outras atividades referentes à sua vida docente.

11.3 Processo de Avaliação do Curso

Quanto à avaliação do Curso de Enfermagem, esta deverá ocorrer ao final de cada ano letivo, e será realizada pelos docentes, discentes e técnico-administrativos, com intuito de identificar possíveis falhas, objetivando a melhoria do curso.

A comissão de avaliação (CAV) elabora, analisa e disponibiliza os resultados da avaliação do curso.

12 INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

12.1 Monitoria

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, no capítulo VIII, Art. 84, *os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.*

A monitoria contribui para o desenvolvimento de habilidades, tais como: planejamento, ensino, relacionamento interpessoal e pensamento crítico. O monitor pode adquirir e/ou ampliar habilidades de educador à medida que desenvolve atividades exigidas, sendo acompanhado por um professor orientador.

As atividades de monitoria envolvem três áreas de atuação: 1º Ensino: preparação e assistência às aulas do professor responsável, orientação de aluno ou grupos de alunos, auxílio na correção de trabalhos, registro da aprendizagem e elaboração de relatórios; 2º Pesquisa: planejamento, execução e avaliação de projetos e trabalhos de pesquisa vinculados ao curso de enfermagem; 3º Extensão: atividades junto à comunidade, que sejam decorrentes de projetos vinculados ao curso de enfermagem.

O curso de enfermagem da UFG, Campus Jataí, segue as diretrizes descritas na Resolução nº 242 para instituir seu quadro de monitores.

12.2 Programa de Educação Tutorial

O Programa de Educação Tutorial (PET) foi criado para apoiar atividades acadêmicas que integram ensino, pesquisa e extensão, e ainda atividade artístico-cultural. Formado por grupos tutoriais de aprendizagem, o PET propicia aos alunos participantes, sob a orientação de um tutor, a realização de atividades extracurriculares que complementem a formação acadêmica do estudante e atendem às necessidades do próprio curso de graduação. O estudante e professor tutor recebem apoio financeiro de acordo com a Política Nacional de Iniciação Científica.

O PET ENFERMAGEM-REGIONAL JATAÍ/UFG foi criado em novembro de 2010 após sua aprovação no Edital 09 – PET 2010, tem 12 bolsistas remunerados e prevê 06 bolsistas voluntários. Vale destacar que os alunos do primeiro ao sexto semestre do curso de enfermagem podem participar do grupo mediante seleção.

12.3 Extensão

No âmbito da UFG, a extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que, articulado ao ensino e à pesquisa, de forma indissociável, viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade.

No seu programa de extensão, a UFG vem apoiando iniciativas governamentais, não-governamentais ou mesmo particulares que tenham como princípio a busca de alternativas visando à melhoria da condição de vida de todos, reconhecendo a diferença entre ações paliativas, que se destinam a atender situações críticas e emergenciais, e ações voltadas para soluções definitivas dos problemas, não assumindo, no entanto, como sua a responsabilidade única pela solução desses problemas. Procura-se incentivar a relevância social, econômica e política dos problemas abordados, os objetivos e resultados alcançados e a apropriação, utilização e reprodução do conhecimento envolvido na atividade de extensão.

A extensão tem pautado suas ações em três grandes objetivos: (a) integrar ensino e pesquisa na busca de alternativas, visando apresentar soluções para problemas e aspirações da comunidade; (b) organizar, apoiar e acompanhar ações que visem à interação da universidade com a sociedade, gerando benefícios para ambas; e c) incentivar a produção cultural da comunidade acadêmica e comunidades circunvizinhas.

A extensão é desenvolvida no sentido de organizar, apoiar e acompanhar ações voltadas para a educação do cidadão nas áreas de educação pública, educação especial, cultura, lazer e recreação, saúde e meio ambiente, criando mecanismos institucionais que permitam avançar o processo de integração entre a universidade e diversos setores da sociedade.

Os instrumentos legais que normatizam a extensão na UFG evidenciam o compromisso institucional para a estruturação e efetivação das atividades de interação da universidade com a sociedade. Estão regulamentadas ações nas categorias cursos, eventos, prestação de serviços e projetos, além de programas que englobam diversas ações.

A pró-reitoria de extensão e cultura da UFG regulamenta as atividades e disponibiliza recursos oferecendo bolsa para alunos vinculados às ações de extensão no programa de bolsa de extensão e cultura (PROBEC).

12.4 Pesquisa

A pesquisa na UFG é percebida como uma das atividades básicas do magistério superior a ser exercida por todos os docentes, no mesmo grau de prioridade do ensino e da extensão (Resolução CEPEC nº 462).

As atividades de pesquisa são aquelas relacionadas à produção de conhecimentos científicos básicos, aplicados e tecnológicos e devem ser desenvolvidas através de projetos vinculados a núcleos ou linhas de pesquisa do curso.

A Iniciação Científica é um instrumento que permite introduzir os estudantes de graduação na pesquisa científica. É a possibilidade de colocar o aluno desde cedo em contato direto com a atividade científica e engajá-lo na pesquisa. Nesta perspectiva, a iniciação científica caracteriza-se como instrumento de apoio teórico e metodológico à realização de um projeto de pesquisa e constitui um canal adequado de auxílio para a formação de uma nova mentalidade no aluno. Em síntese, a iniciação científica pode ser definida como instrumento de formação.

A pró-reitoria de pesquisa e inovação da UFG regulamenta as atividades de pesquisa e disponibiliza recursos oferecendo bolsa para alunos vinculados às ações de pesquisa no programa institucional de iniciação científica (PIBIC).

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) possibilita ao discente a continuidade das atividades de pesquisa em cursos de pós graduação *lato sensu* e *stricto sensu*.

O curso de Enfermagem tem um Núcleo de Estudo e Pesquisa na Saúde do Adulto e Idoso cadastrado junto ao CNPq, o qual é constituído por docentes e discentes do curso de Enfermagem e de outros cursos na área da saúde levando em consideração a formação interdisciplinar.

13 POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVA DA UNIDADE ACADÊMICA

Ao se referir à política de graduação, percebe-se a preocupação em investir na qualificação e valorização de quadro docente e técnico-administrativo, por meio de política sistemática na formação continuada.

É considerada meta prioritária a capacitação do pessoal no âmbito de uma política institucional que enfatize a qualificação e a atualização sistemática dos recursos humanos da universidade para o exercício pleno e eficiente de suas atividades.

A Política de Capacitação do docente e técnico-administrativo será estabelecida nos seguintes níveis formativos:

- cursos de pós-graduação *stricto sensu*: mestrado e doutorado, recomendados pela CAPES;
- cursos de pós-graduação *lato sensu*: aperfeiçoamento (180 horas) e especialização (360 horas);
- estágio pós-doutoral;
- curso, estágio ou treinamento com duração entre um e seis meses;
- licença para capacitação, conforme disposto no Regime Jurídico Único da UFG;
- licença de curtíssima duração: congresso, seminário, missão ou eventos compatíveis com as atividades docentes;
- cursos especiais para realização de estudos em uma área de conhecimento específica, com duração máxima de 18 meses.

14 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é responsável pela avaliação permanente do projeto de curso. Este núcleo é composto pelo coordenador do curso como presidente nato e por 26% de professores do Curso de Enfermagem, sendo 50 % doutores e 50% mestres.

• • •